

PARATODOS...

PREÇO 1.000

ANNO XII NUM. 587 - 15 Março 1950





As **dores de cabeça**

desapparecem em poucos minutos com
dois comprimidos de

Cafiaspirina

Este excellente preparado BAYER allivia as dores e prepara o caminho para um estado de saude normal.

A CAFIASPIRINA pode ser tomada com inteira confiança, porque, além do seu effeito curativo,

É ABSOLUTAMENTE INOFFENSIVA.

A CAFIASPIRINA é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.



GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionais — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentivar os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographado.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro envelope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o título do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — É ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º lugar	Rs. 300\$000
2º lugar	Rs. 200\$000
3º lugar	Rs. 100\$000
4º, 5º e 6º collocados, cada..	Rs. 50\$000

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciamos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

EM 1744, a fama de belleza da princeza Amelia, irmã mais moça de Frederico II, levou a Berlim o embaixador da Suecia, com intenção de pedir a princeza em casamento para o seu futuro rei, Adolpho Frederico.

Por verdade'ro escrupulo, ou apenas por querer se fazer de rogada, Amelia garantiu a sua irmã Luiza Ulrique que, mesmo para ser rainha, lhe seria penoso mudar de religião.

— Se assim é, — insinuou Ulrique, (que embora mais velha quatro annos, ainda não estava casada) basta que sejas fria e activa para com o embaixador. O desdem tornará impossivel o casamento.

Emquanto Amelia se entregava á travessa alegria de representar a caprichosa, e a insolente, Luiza Ulrique muito ardilosa, multiplicava-se em amabilidades, graças, cortezias e sorrisos.

Logo que o embaixador enviou a Stocholmo suas impressões, recebeu ordem de pedir a mão de Ulrique.

Luiza accellou o pedido com grande alegria, e poucos dias depois o casamento foi celebrado.

Esganada e humilhada, Amelia primeiro sentiu profunda surpresa, e logo após violento despeito. Dirigiu á sua irmã amargas censuras, as quaes Ulrique promptamente respondeu:

— "Como pensar que não eras sincera?"

Em honra ao casamento as salas do palacio de Berlim foram franqueadas ao publico, e o grande banquete foi penoso e longo para a pobre princeza abandonada.

Entretanto, a sua attenção foi despertada por imprevisto incidente.

Frederico II notou entre os officiaes encarregados de manter a ordem, que o Sr. de Frenck, um de seus protegidos, trazia a charpa sem a franja de ouro. Interrogado pelo rei, o joven official confessou que as franjas haviam sido cortadas e roubadas no meio da multidão. Frederico humilhou-o com violentos sarcasmos.

Emquanto isso, Amelia admirava o garbo e a belleza do official, e comprou-se da altiva attitudé que oppoz ás ironias do soberano. E nessa mesma tarde, ainda sob o choque de profunda emoção, ou quem sabe, pela necessidade de uma consolação, ou desforra sentimental, achou meios de se approximar d'elle e convidou-o para no dia seguinte ir á sua casa buscar uma outra charpa.

O convite não cahiu nos ouvidos de um surdo, Frenck não faltou á entrevista.

Frederico, que tudo via e sabia, a cada nova visita, submettia o joven official a prisões mais longas.

O enamorado parecia não comprehender a reprehensão.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48\$000; 6 mezes, 25\$000. Estrangeiro - 1 anno, 85\$000; 6 mezes, 45\$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

A princeza Amelia, irmã de Frederico II

Para terminar de uma vez com a sua teimosia, o rei, sob pretexto de planos entregues á Austria, prendeu o official no forte de Glatz, na Silésia.

Frenck conseguiu fugir, ganhou a Bohemia, foi á Vienna e a Petersbourg gabar-se da sua boa sorte.

Mas os espiões de Frederico estavam alerta, e prenderam-no em Dantzig. Conduzido á fortaleza de Magdebourg, o desgraçado foi algemado e encarcerado em um subterraneo, onde passou dez annos.

Secretamente, e com auxilio de grandes despesas, a princeza Amelia conseguiu levar ao conhecimento de Maria Theresia a triste sorte de Frenck, que era de origem austriaca. A imperatriz, prestes a assignar o tratado que poz fim á guerra de sete annos, pediu a liberdade do prisioneiro. Frederico não ousou recusar-l'a.

O apaixonado da princeza, jurando ser discreto, deixou enfim a Russia.

Desgostos ou mal mysterioso, a joven e bella Amelia transformou-se pouco tempo depois em uma velha doente e feia. Paralytica das mãos e braços, vê seu corpo encarquilhar-se, e as pernas emmagrecidas vacillarem sob o seu peso, embora ligeiro.

Os cabellos cahiam, e a voz tornou-se horrivelmente rouca.

E' preciso dizer, para descargo dos medicos, que a princeza levava o espirito de contradição, a ponto de applicar os remedios ao contrario. Assim torna-se zaroiha porque, recelando perder a vista, colloca dentro dos olhos o liquido com o qual deveria apenas banhar as palpebras.

As deformidades physicas, e a expressão sarcastica da physionomia de Amelia causavam medo a todos os que della se approximaram, e a sua moral não era de molde a encorajar.

Conhecendo bem a musica, compunha oratorios notaveis, muito illustrada, apreciava as boas leituras, embora perdesse longas horas em ligeiras palestras.

Nunca se queixava, nem tão pouco se apiedava dos males alheios; apesar de muito religiosa, desconhecia a caridade.

Reservada e desconfiada, não acreditava no bem, em tudo via o mal, e previa sempre as mais horribes catastrophes.

Se por acaso, sabia da enfermidade de algum parente ou amigo, logo o enterrava com alguma calumnia, á guisa de oração fúnebre.

Seu irmão, o principe Henrique, chamava-a — "fada malfazeja".

Accusava-a de levar ao rei más noticias, e negava-se a recebê-la por causa de seu caracter, mais satyrico ainda que o de Frederico.

Mão grado as gargalhadas dos aduladores, Amelia zomboava, escarnecia e chacoteava de seu martyrio sem a mais leve piedade.

Sua victima preferida era uma honesta viuva, chamada Mme. Bonin. Fosse por amor ás cartas, ou por escassos meios de fortuna, essa boa mulher prestava uma tal attenção ao jogo, que todas as suas impressões reflectiam-lhe no rosto. Quando perdia sentia tão grande emoção que a custo se continha.

Observar a sensível Mme. Bonin era para a princeza um amargo prazer.

Assim, obrigava a viuva a jogar com Mme. de Troussel, sua amiga e confidente; e antes de começar a partida recommendava com insistencia:

— Peço-te, Troussel, que jagues o melhor possível, e que procures ganhar... para que a boa Mme. Bonin chore!

Por semelhança de caracter, por compaixão pelo estado doentio de sua



LEITURA PARA TODOS

O MELHOR MAGAZINE MENSAL EDITADO EM LINGUA PORTUGUEZA.

irmã ou por desejo de suavizar as recordações de passadas violências, Frederico II era cheio de carinhos para essa fada malfazeja.

De seu lado, por medo, interesse, ou gratidão, por ter sido preservada de um escândalo, a princesa não conservou ressentimentos de seus amores contrariados, e ambos continuaram muito unidos.

Certa da indulgência do rei, Amélia não tinha escrúpulos em reprehender e censurar os parentes.

Essa tia "desmancha prazeres", não era estimada pela família, e principalmente pela jovem Luiza da Rússia, filha do príncipe Ferdinando, o mais moço dos irmãos de Frederico.

Luiza conta a repugnância que lhe causava o aspecto dessa solteirona enferma de nariz saliente, lábios delgados e olhos arregalados.

Amélia era impertinente, e muitas vezes censurava a sobrinha, dizendo que só gostava dos meninos.

E era verdade, pois a velha princesa comprava aos ciganos, e dansarinos de circo, miseráveis garotos que mandava educar nas escolas para crianças pobres. Visitava-os duas vezes por semana, e obrigava-os a lhe falar de modo familiar.

O seu favorito era o príncipe Luiz, irmão da princesa Luiza. Amélia elogiava e afagava esse sobrinho, consentindo que viesse estudar órgão no seu palácio em Wilhelmstrasse.

Constantemente dizia-lhe que seria o herdeiro de todos os seus bens, e riase, quando o pequeno lhe chamava de velha feiticeira.

Para a princesa Luiza eram sempre desagradáveis as visitas da velha princesa, pois temia as reprehensões que sua tia nunca deixava de lhe fazer. Amélia estendia a sobrinha as mãos ankylosis, e ordenava que lhe calçasse as luvas "Luiza não acertava da primeira vez" e a velha tia, perdendo logo a paciência, chamava-a de tola e desageitada.

A confirmação da pequena princesa deu lugar a uma linda festa em família. Todos se apressaram em felicitar a menina. A tia, que durante a cerimônia se conservou mais ou menos quieta, chama a sobrinha e diante de todos pergunta-lhe bruscamente:

— Em que religião acabas de ser confirmada?

— Na religião protestante — respondeu ella.

— Ensinaaram-te o que vem a ser o diabo e a Trindade?

Luiza ficou interdita, o Sr. Conrad, o pastor, nada lhe havia ensinado a esse respeito.

Amélia estava satisfeita, pois fizera Luiza corar diante de todos os convidados.

Para todos...

Toda a correspondência, como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Charles Foley

O pae de Luiza, o príncipe Ferdinando, adoeceu gravemente. A velha princesa veio habitar o palácio; não via o irmão doente, porém, installada em um salão proximo, falava aos medicos, importunava-os com perguntas, e aconselhava remedios extraordinarios, exigia que os sobrinhos lhe fizessem companhia.

Para tirar ás crianças toda esperança, Amélia contava historias fantasticas de mortes e tragedias.

— Seu pae não ficará bom — repetia ella — pois na segunda sangria appareceu sangue, o que é de muito mau agouro.

O cão favorito do príncipe latiu, e logo Amélia sacudindo a cabeça, disse: — Os cães só uivam em casa dos moribundos.

Se por acaso percebia que as crianças não acreditavam no que dizia, encolerizava-se e sentia-se mortalmente offendida, quando duvidavam da sua palavra.

Uma quinta-feira os padecimentos do príncipe aggravaram-se, a fada malfazeja, declara que elle morrerá no dia seguinte "pois todo o doente deve morrer em sexta-feira".

Justamente nesse dia uma crise favoravel salva o doente.

Indignada com a alegria que todos sentem, a princesa chama os parentes de almas cruéis, e teima em affirmar que seu irmão continúa gonizante.

Finalmente, a princesa Amélia morre pouco tempo depois de Frederico, em 30 de Março de 1787.

A doença de sua irmã parecia tão ligeira, que o príncipe Ferdinando achou desnecessario desfazer seu jantar marcado para o dia seguinte. Porém, nessa manhã, a velha princesa lembra-se de perguntar á camareira: — que dia é hoje?

A creada respondeu — sexta-feira — adoente foi tomada de tão grande susto, que alguns momentos depois expirava.

Mesmo depois de morta, essa solteirona, essa fada malfazeja, encontrou meios de mystificar os parentes.

Reunida a familia, o conde de Hergberg foi incumbido de ler o testamento.

Ao príncipe Ferdinando, irmão que dizia adorar, Amélia não dava mais que ao príncipe Henrique, que ella detestava. A seu favorito, o príncipe Luiz, desherdava completamente. Deixava os dois bellos palacios aos filhos do rei Frederico Guilherme II, pequenos sobrinhos, pelos quaes nunca manifestou o menor interesse. Parte dos capitães e da bibliotheca, destinava a gymnasios e escolas.

Interpendo essa nomenclatura muito longa, pois o conde de Hergberg com difficuldade decifrava a escriptura, o joven duque de Brunswick propoz terminar a leitura.

A princesa Amélia estimava muito esse sobrinho e lhe havia feito as mesmas promessas que ao príncipe Luiz. Assim, como não havia ainda sido nomeado, o príncipe conservava grandes esperanças.

Cheio de impaciência, tomou o testamento das mãos, do conde de Hergberg. Chegando ao fim da pagina, o joven leu com ar triumphante:

— "Quanto ao meu querido sobrinho Brunswick..."

Ahi, vermelho de emoção, o querido sobrinho pára, vira a folha, e termina com voz desfallecida:

— "...lego todo o meu tabac d'Espagne!"

Obras consultadas: Quarenta e cinco annos de minha vida (1770 a 1815) recordações de Luiza da Prussia (princesa Radziwill) publicadas pela princesa Radziwill (née Castellane). (Plon Nourin editores).

— Memorias do barão Dieudonné Thiebault, pae do tenente general barão Thiebault.



CINEARTE

Todas ás quartas-feiras as mais palpitantes novidades cinematographicas.



Clinica Medica de "Para todos..."

O CHLORETO DE ZINCO E AS ULCERAÇÕES TUBERCULOSAS

Durante longo tempo, foi o cloroeto de zinco utilizado, no tratamento das ulcerações tuberculosas e das úlceras lupicas rebeldes; entretanto, somente agora, com as observações de Nicolas e de Pilon, os resultados favoráveis aconselham a adopção de tal methodo therapeutico.

Emprega-se, em pincelagens, o solu-to alcoolico de cloroeto de zinco, assim formulado:

Chloreto de zinco, 3 grammas. Alcohol a 80 grãos, 10 centímetros cubicos.

Como a acção do cloroeto de zinco é muito energica, as applicações devem ser feitas cuidadosamente, havendo, de uma á outra, o permo de vinte e um dias, no minimo.

No intervallo do tratamento cloroetado, far-se-á embrocções com a tintura de iodo, diluida conforme a seguinte prescripção:

Tintura de iodo, 5 grammas. Alcohol a 50 grãos, 35 centímetros cubicos.

A applicação do cloroeto de zinco provoca sensação dolorosa um tanto intensa; mas semelhante inconveniente deve ser resignadamente supportado, visto como a medicação apresenta, bem depressa, effeitos mul beneficios.

Em regra, a dor apenas se verifica, no dia da applicação; e, nem sempre, o phenomeno doloroso incommoda o enfermo ao ponto de obrigar-o a contorsões e gemidos que reclamem o emprego de medicamentos analgesicos.

Decorrido o primeiro dia, após sua applicação, o cloroeto de zinco pateteia o seu vigor detergente. Observa-se que as ulcerações vão perdendo, pouco a pouco, o rubor primitivo, que seus bordos se adelgaçam e se abalxam consideravelmente e que a epidermisação vai tambem evoluindo, em rapida carreira.

Quasi sempre, o cloroeto de zinco actúa a contento, cicatrizando integralmente ulcerações tuberculosas, mesmo com um diminuto numero de cauterisações.

CONSULTORIO

L. R. S. (Piracicaba) — Use solu-ção de digitalina Mialhe 20 gottas, extracto fluído de stygmas de milho 10 grammas, tintura de polygala 4 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de bagas de zimbro 300 grammas — um pequeno calice de duas em duas horas. As refeições, tome "Kola Granulada Astier".

I. Z. A. (Tres Corações) — Deve usar: chlorhydro-sulfato de quinina 20 centigrammas, salol 40 centigrammas — em uma capsula, vindo 12 iguaes, para tomar duas por dia. Faça, por semana, tres injeções intra-musculares com o "Irol Churchill".

NIDIA (Magé) — Dê á creança: methylarsinato de sodio 20 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glicerina 30 grammas, xarope lodo-taunico, segundo a formula de Demolon 300 grammas — uma colher (das de sobremesa) depois de cada refeição principal.

GUERRA (Rio) — De duas em duas horas, tome uma capsula de "Phaguryl". Pela manhã, faça uma grande lavagem local, empregando uma solu-ção fraca de permanganato de potassio. — 25 centigrammas, para um irrigador che-o d'agua morna. Ao anoitecer, faça outra grande lavagem, com dois litros d'agua morna, constituindo uma solu-ção de argyrol a vinte por cento. Complete o tratamento com uma serie de injeções da "Vaccina Antigonococcica".

O. G. (Niteroy) — Use: lodo-formio 1 centigramma, creosoto de fala 2 centigrammas, eucalyptol 10 centigrammas, sabão amygdalino, quantidade sufficiente para uma pilula, vindo 12 iguaes e sendo a applicação de tres por dia. Use tambem "Xarope de Gomenol Prevel", uma colher (das de

Eis o introito de "O Professor", conto de Raul Lellis, illustrado por Acquarene, que "O Malho" publica em seu numero desta semana, que está á venda.

"Raul Lellis é um dos mais interessantes contistas nacionaes. Apanhando, sempre, para lemma dos seus trabalhos, factos concretos e reais, elle nos sabe apresentar, como nenhum outro contista da nova geração, historias surprehenderes, verdadeiras paginas abertas do livro da vida. Neste conto, por exemplo, com o qual concorreu ao Grande Concurso de Contos Tragicos de "A Ordem" — o popular matutino carioca — e cujos contos "O Malho" vem publicando, semanalmente, em suas paginas, em primeira mão, de acôrdo com a combinação feita com aquelle jornal, Raul Lellis dissecou com a pericia de um sabio chimico e mestre, mas que tambem sendo medico, abandonara a medicina, para que, cada cura que fizesse, não lhe parecesse um sarcasmo do destino a zombar da sua passada inutilidade em salvar o ente que mais queria."

sobremesa) de quatro em quatro horas.

L. U. I. Z. A. (Ponte Nova) — Sua progenitora deve usar, tres vezes por dia, o "Crataegol Boulet" — dez gottas num calice d'agua assucarada, com hydrolato de flores de laranja. Deve usar tambem, depois de cada refeição principal, o "Triogene For". Não ha inconveniente no emprego de banhos mornos geraes, diariamente. Os banhos frios absolutamente não podem ser indicados.

P. F. M. (Rio) — Antes de cada refeição principal, use "Hemoductyl" — duas vezes a medida que acompanha o vidro. De duas em duas noites, no momento de se recolher ao leito, empregue um dos "Suppositorios Midy".

LALA (Recife) — Póde usar a pasta referida, porém, conjunctamente com remedios internos. No meio do pequeno almoço e, no meio da ceia, tome "Placentodose", num pouco de leite frio ou morno. Antes do almoço

e do jantar, use "Sanas" — quinze gottas num calice d'agua assucarada. Faça, por semana, tres injeções hypodermicas, empregando a "Oceanina", (ampolas de 60 centímetros cubicos).

F. A. R. N. (Aracajú) — Esclareça o assumpto da consulta, indicando a idade, o estado civil, as enfermidades anteriores e a época exacta em que soffreu a primeira manifestação da actual doença.

SUZIE (São Paulo) — Simples resfriamento que não mereceu a devida attenção, eis o que se deprehende de sua atemorizada cartinha. Basta usar: tintura de aconito vinte gottas, l'cor ammoniacal anizado quarenta gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, benzoato de sodio 4 grammas, xarope de Roux 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — um pequeno calice de tres em tres horas. Use tambem, depois de cada refeição principal, o "Histogenol Granulado Naline".

DR. DURVAL DE BRITO



Em Therezopolis — Sahida da missa na capella do Patronato de Menores.

CIRCO

o livro mais novo de
ALVARO MOREYRA
Edição Pimenta de Mello & Cia.
Em todas as livrarias



UMA cutis fresca e l'mpa, sem borbulhas nem espinhas, contribue consideravelmente para aformosear o rosto. Uma só applicação de Creme de Perolas de Barry occulta todas as imperfeições da cutis, deixando-a suave, lisa e duma alvura alabastrina. E' d'um perfume agradável.

CREME de PEROLAS de BARRY

Unicos Depos'tarios:

SOCIEDADE ANONYMA LAMEIRO
RIO DE JANEIRO

CALLOS CALLOSIDADES E JOANETES



ESQUECIDOS NUM INSTANTE

Um minuto depois de applicar o emplastro Zino-pads do Dr. Scholl, V. S. se esquecerá de haver soffrido qualquer destes incommodos.

Vende-se em todas as Pharmacias e Sapatarias do Brasil.

PREÇO 3\$500

Peçam amostras e o livrinho "Tratamento e cuidado dos Pés" do Dr. Scholl à

CIA. DR. SCHOLL S.A.
RUA OUVIDOR, 162 RIO DE JANEIRO



Cia de Navegação Lloyd Brasileiro

RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario 2 a 22

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA		NORTE		SUL	
Cant. Guimarães	30 Março	Manãos	14 Março	Comte. Capella	13 Março
Bagé	15 Abril	Pará	21 Março	Comte. Alcidio	20 Março
Raul Soares	30 Abril	João Alfredo	28 Março	Comte. Alvim	27 Março
Ruy Barbosa	15 Maio	Comte. Ripper	4 Abril	Comte. Capella	3 Abril
LINHA MANAOS-BUENOS AIRES		Rodrigues Alves	11 Abril	Comte. Alcidio	10 Abril
Santos	10 Março	Manãos	18 Abril	Comte. Alvim	17 Abril
Santarém	20 Março	LINHA MANAOS-BUENOS AIRES		LINHA SANTOS-PENEDO	
Duque de Caxias	6 Abril	Duque de Caxias	13 Março	Comte. Vasconcellos	30 Março
Baependy	16 Abril	Baependy	23 Março	Comte. Vasconcellos	30 Abril
Almte. Jaceguay	26 Abril	Almte. Jaceguay	3 Abril	LINHA RIO-LAGUNA	
Campos Salles	6 Maio	Campos Salles	13 Abril	Asp. Nascimento	15 Março
		Santos	23 Abril	Asp. Nascimento	30 Março
				Asp. Nascimento	15 Abril
				Asp. Nascimento	30 Abril

O S D R A M A S D A

PENETRANDO ATÉ O MAIS ÍNTIMO RECANTO DO CORAÇÃO DE D. EVANGELINA
MASCARADOS QUE

“Não é o passado que me tortura”! — Quartorze vezes expulsa do lar — A viuva
Ouvindo lágrimas — O drama emocionante da existencia de tres creanças que não po-
los, o menino que soffre como um homem — Cila, a menina obrigada a ser orphã

por WALTER

U m d i r e i t o C a ç a d o

Ella é a unica mãe que não recebe a visita dos filhos!

D. Amélia, a zeladora da prisão das mulheres, commoveu-se ao falar-me assim. Referia-se a D. Evangelina da Rocha Lima, a senhora envolvida na ruidosa tragedia occorrida na ilha do Governador.

— Não recebe a visita dos filhos?!

Se é um direito que assiste a todos os encarcerados!

— Sim. Menos a essa pobre mãe. Sou testemunha dos seus tormentos. Jámais soube de alguém que soffresse tanto como D. Evangelina. Despojaram-na do direito mais sagrado de uma mulher!

— Conte-me, D. Amélia. Quem é que

commette o barbaro crime de roubar a mãe dos filhinhos?

Havíamos chegado ao fim de um pateo deserto da Casa de Detenção. A funcionaria encarregada de guardar as mulheres indicou-me a porta da prisão onde está recolhida D. Evangelina da Rocha Lima. Fez signal para que esperasse e entrou para chamar a accusada.

E l l a t e r á a l m a ?

Tanto quanto disseram os jornaes, em Maio do anno passado, D. Evangelina chefiou um bando de homens mascarados, que assassinaram a tiros o seu marido. A emocionante proeza, segundo os noticiarios, teria sido engendrada pela mesma senhora,

com o proposito de raptar tres filhos que se achavam em poder do esposo.

As consequencias do embate foram a) mais funestas, pois morreram o marido de D. Evangelina e o joven Fortunato Perez, um dos assaltantes.

Agora, um anno depois, os réos vão comparecer á barra do Tribunal do Jury.

Que se passará na alma dessa senhora que aguarda o pronunciamento da justiça? Ella terá alma?

O p a s s a d o e o p r e s e n t e

Obrigada — disse-me D. Evangelina da Rocha Lima. — O senhor foi o primeiro reporter que teve a idéa de procurar-me.

— Tive a idéa de martyrizal-a com a recordação do seu passado.

— Pois creia que não é o passado que me tortura. O meu grande soffrimento começou depois que entrei na prisão. E este carcere é o presente da minha vida.

Sahimos caminhando em direcção á secretaria da Detenção.

A presidiaria, coberta de luto, sem nenhum artifício no rosto, parecia-me uma monja solitaria, para quem se acabou o mundo. Ella deslisava ao meu lado e eu não via a ponta dos seus sapatos. Os passos, lentos e abafados, ficavam escondidos sob a saia comprida e larga.

Tudo que se vê em D. Evangelina

faz pensar na monstruosidade da dor que a acompanha. Os olhos verdes, ao invés de reflectirem a juventude dos seus trinta e cinco annos, espelham uma velhice triste e cansada. Sente-se que as lagrimas lhe queimaram o rosto e enrugaram-lhe a pelle. A bocca, por força de só articular queixas, contrahiu-se num rictus doloroso. Penso que D. Evangelina não sabe mais sorrir.

— Este carcere é o presente da minha vida!

U m a v i d a c o n j u g a l

Fale-me do passado, minha amiga. D. Evangelina da Rocha Lima aconselhou-me a ler os autos do seu processo. Queria que eu me guiasse por documentos e não por palavras.

— Li todo o processo — respondi-lhe. — Tive nas mãos as provas seguras de tudo quanto espero ouvir da sua bocca. Os papéis já me falam. Quero escutar agora a sua alma.

A presidiaria estava sentada á minha frente, no salão da secretaria. Não muito longe, na sua mesa de trabalho, o funcionario Rodolpho de Oliveira folheava um livro de registros da prisão.

— Minha vida conjugal durou apenas treze annos — disse-me Evangelina.

na. — Em principios do anno passado, requeri uma acção de desquite. Era o fim.

O juiz Alvaro Belfort deu ganho de causa á esposa do senhor Rocha Lima, que foi condemnado a perda dos seus tres filhos e a proporcionar-lhes os meios de subsistencia. D. Evangelina allegára na acção que era maltratada pelo marido, e este, contestando, só attribuiu á esposa máo genio.

Ella era um modelo de honestidade. Treze vezes expulsa do lar, nunca renunciou ao amor de seus filhos. Ouvia os mais pesados insultos. Via o marido apontar-lhe a porta da rua e não se arredava do seu posto de mãe. O immenso affecto pelos filhos fazia de

D. Evangelina uma mulher sem melindres, uma creatura descida até a mais extrema humildade. Recebia em pleno rosto as chicotadas da injuria e continuava a ser esposa e mãe, naquella lar de onde a enxotavam sem piedade.

— Um dia — prosegue a presidiaria — meu esposo applica a violencia. Faz-me sahir de casa, á força, sem permittir, ao menos, que eu calçasse os sapatos! Na rua, a mercê do destino, separada de meus tres filhinhos queridos, imagino o que devo fazer. Então, vem-me a idéa de procurar minha mãe, com quem passo a morar. Intento depois a acção de desquite. Venço. Conquisto os filhinhos, que levo a morar comigo, em casa de mamãe.

A v i n g a n ç a d e u m e s p o s o

O marido de D. Evangelina não cumpria a sentença do juiz. Nunca auxiliou a esposa e os filhos.

— Deixei de ter marido — continúa a minha interlocutora. — Elle desamparava-me. Acabou-se, então, minha

vida conjugal. No entanto, sentia-me no dever de educar meus tres filhinhos. Fiz-me a serviço delles. Fiz-me costureira. Trabalhava dia e noite, para varias casas de modas. Quando estas não me davam costuras, accetava até trabalhos grosseiros de fabricas (as pro-

vas dessas revelações encontram-se nos autos). Minha machina funcionava ás vezes, até o despontar da aurora! Faltavam-me as forças.

Foi nessa contingencia que D. Evangelina conheceu Fortunato Perez. O rapaz, em pouco, fez intimidade na

ALMA FEMININA

EVANGELINA DA ROCHA LIMA, ACUSADA DE TER CHEFIADO O BANDO DE MATOU SEU MARIDO.

gança de um esposo — Revelações sensacionais dos autos de um ruidoso processo — Quem vem a mãezinha — Marcílio, o doentinho que luta por causa de um retrato — Carro — Um cadaver vivo.

P R E S T E S

casa. Tornou-se muito amigo das crianças. Certo dia, então, quando já havia conquistado o coração da esposa abandonada, propoz casarem-se no Uruguay, prometendo a D. Evangelina o que ella mais ambicionava no mundo. (Fortunato prometteu assegurar a educação dos filhinhos da desquitada).

Começou, desde então, uma nova existência para D. Evangelina. Mas durou pouco a felicidade, porque o senhor Rocha Lima, apoiado na intromissão de Fortunato, intentou uma acção contra a esposa e conseguiu reaver os filhos.

— Ah! está a vingança de meu marido! — exclama a accusada. — Reduziu-me á miséria, deixando de assegurar-me a pensão imposta pelo juiz. Depois, quando appeallei para o amparo que elle me negava, desgraçou-me definitivamente, arrebatando-me os filhos!

Tragedia de um coração de mãe

Longe da mãe, os pequenos viviam torturados de saudades. Quasi todos os dias, ás escondidas do pae, escreviam bilhetinhos á mãezinha querida. Communicavam-lhe a immensa tristeza da separação. (Existem nos autos 40 desses bilhetinhos).

Carlos, o mais velho, de 12 annos de idade, enviou-lhe um retrato com esta dedicatória:

"Minha querida mãezinha. Offereço o meu retrato, consagrando-te um amor tão forte como o que me dedicas. Do teu filho — Carlos."

A pobre mãe, na impossibilidade de visitar as crianças em casa, temerosa

do mau genio do marido, procurava por todos os meios avistar os filhos. Escondia-se nos vãos das portas ou atraz dos postes da rua, nos logares por onde sabia que o esposo devia passar com os pequenos. Muitas vezes, vendo os filhos, tinha impetos de estreltal-os nos braços. Mas lembrava-se de que não podia ser mãe. Limitava-se a olhal-os de longe, sem ser vista. E seguia-os até onde podia.

— Só Deus é testemunha das lagrimas que eu verti e verto ainda pelos meus filhinhos!

D. Evangelina enxugou os olhos

com um lenço. E proseguiu, com a voz alterada:

— Era essa a minha triste situação, quando vim a saber que meu esposo ia levar as crianças para um longínquo Estado do Norte. Desesperei-me. Que seria da minha vida sem aquelles queridinhos que tanto me amavam?! Elles sempre me escreviam: "mamãe, vem buscar-nos!" Então, dominada pelo amor de mãe, pedi a Fortunato que fosse commigo á ilha do Governador, para trazerem os pequenos. Nunca imaginei matar o pae dos meus filhos. Para mim, elle já estava morto,

Revelações sensacionais

E' á luz dos proprios autos que se encontra a prova de que D. Evangelina foi á ilha do Governador unicamente para buscar os filhos que a chamavam. Quando se deu o tiroteio, ella estava tão desprevenida da tragedia, que quasi desmaiou, sendo amparada até o ponto onde se achava a lancha para o regresso. Ao avistar Fortunato, que soffrera um ferimento mortal, perguntou-lhe:

— Que foi que aconteceu?! Por

que não trouxeram as crianças?! Meu marido recebeu-os a bala?!

Fortunato, a custo, pois perdera muito sangue, respondeu-lhe que foram obrigados a fazer fogo.

Então, ainda mais afflicta, D. Evangelina interrogou-o:

— Mataram o meu marido?!

— Não. Elle nem está ferido.

Tão innocente era a pobre senhora, que, mais tarde, foi levar Fortunato á uma casa de saúde, collocando-se á sua cabeceira. Foi quando uma pessoa das

relações do casal desquitado, surpreendendo-se por vê-la ali, advertiu-a:

— Que faz aqui, D. Evangelina?! A senhora é accusada de ter mandado assassinar o seu esposo, e elle está morrendo noutro quarto deste mesmo hospital! Retire-se depressa, se não quer ser presa!

No dia seguinte, D. Evangelina apresentou-se espontaneamente á policia.

— Foi a minha morte! — exclamou. — Nunca mais vi os meus filhinhos!

O drama de uma alma infantil

Diga-me, D. Evangelina. Por que prohibem que seus filhos a visitem? Eu sei que até as ladras e assassinas têm o direito de ser mães.

— Sim. Mas eu não o tenho. Arrancaram-me os filhos! Extirparam-me o coração! Foi assassinada!

— Assassinada?!

Se D. Evangelina fosse uma mulher feroz, teria rilhado os dentes. Mas apenas levou o lenço á bocca, para abafar um soluço.

Abriu-se-me, então, uma alma inteira de mãe. Ainda me soam ao ouvido as palavras que ouvi. Palavras? Eu ouvi lagrimas!

Depois da morte do senhor Rocha Lima e da prisão de sua esposa, os filhinhos de D. Evangelina passaram a viver em companhia de duas irmãs do extincto.

Marcílio, um pequeno epileptico, hoje com treze annos incompletos, é o que talvez tenha sentido mais falta dos carinhos da mãe.

O pobrezinho recebeu em cheio o terrivel golpe. Depois, leu o que os jornaes diziam da tragedia. Mas o seu coração repellia aquellas noticias. Não acreditava que sua mãezinha fosse uma assassina. No emtanto, suas tias confirmavam tudo quanto estava nas folhas e prohibiam-no de falar na mãe.

Certo dia, folheando um jornal, Marcílio encontrou uma photographia de D. Evangelina. Seus olhinhos encheam-se de lagrimas. Elle não tinha nenhum retrato della. Então, sem que as tias soubessem, apanhou uma trena e recortou a gravura publicada. Guardou-a no bolso do pyjama, junto ao coração.

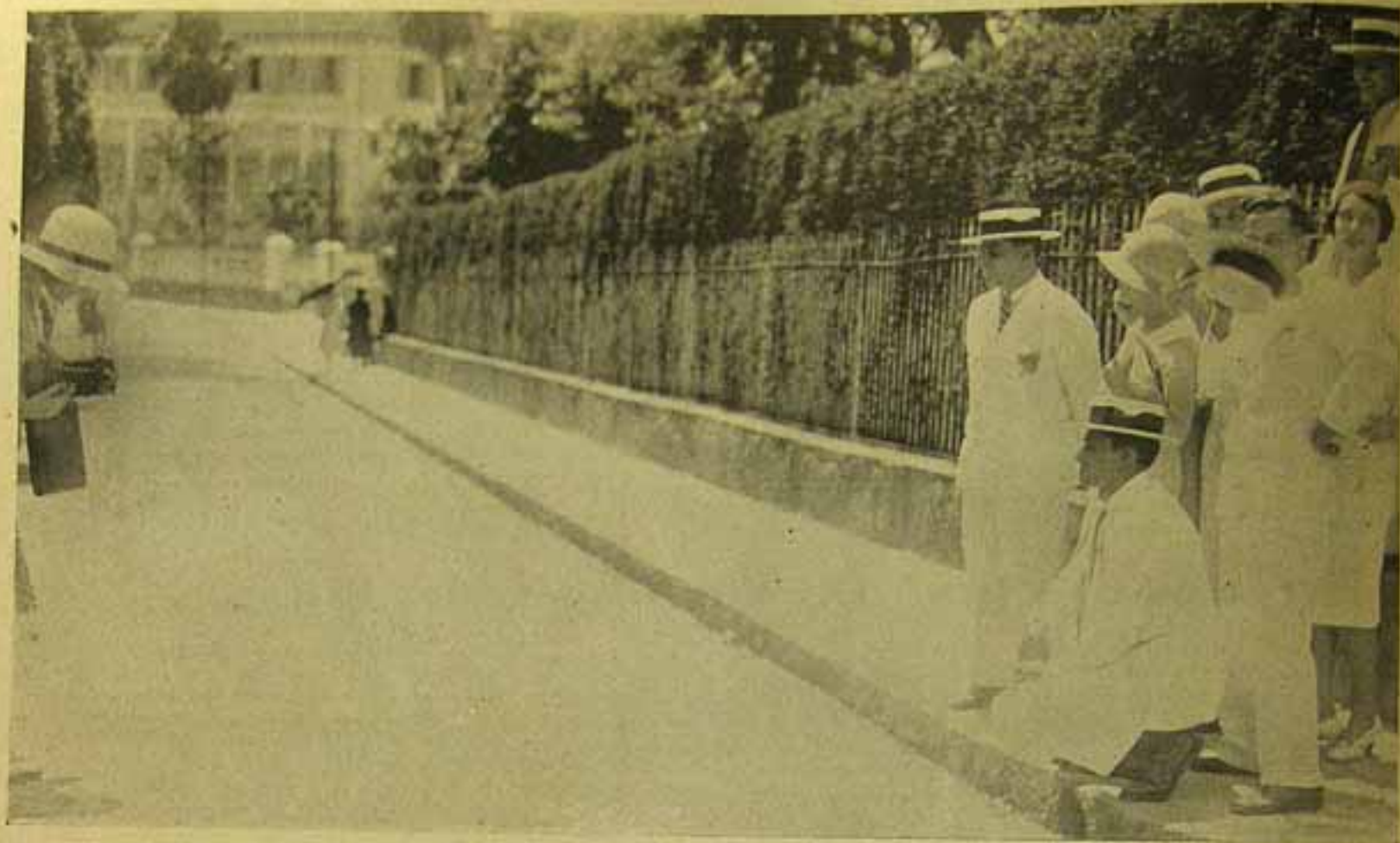
Mas as cunhadas de D. Evangelina descobrem a ausencia da photographia. Procuram-na por toda a parte. Afinal, encontram-na em poder de Marcílio. Tentam arrebatá-la do seu bolsinho. O pequeno resiste. Trava-se luta. Marcílio grita e aggride. Defendia o retrato como se defendesse a propria mãe! Vencido, por fim, vê a photographia nas mãos de uma das tias. E ella rasga o papel e arremessa-o ao chão.

— Tua mãe é uma assassina! — grita. — Não tens mais mãe!

D. Evangelina, ao recordar-me esse lance, articula um gemido que me atravessa o coração. E deixa cahir o busto sobre a mesa, o rosto escondido entre os braços cobertos de luto.

Parecia uma mãe chorando sobre a mesa funeraria do filhinho!

(Termina no fim do n.º)



PETROPOLIS U M A M A N H A D E D O M I N G O



DR. PLINIO OLINTO

Delegado do Brasil ao Primeiro Congresso Internacional de Hygiene Mental, em Washington. Partiu para New York, no dia 5, pelo "Eastern Prince", levando as representações da Directoria Geral de Instrução Publica do Districto Federal, da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e da Liga Brasileira de Hygiene Mental.



PARA TODOS...



Tirem Azul

CARNAVAL paulista já deu um arrinho da sua desgraçada graça, amplo, vazio, feito de carnavalescos e espectadores. E com esta frase me parece que já toquei fundo no mal irremediável do nosso Carnaval.

Dizer que o Carnaval paulista não é alegre me parece bobice. É alegre sim, pros carnavalescos. Quem se diverte, se diverte tanto como em qualquer outro Carnaval deste mundo. Eu mesmo já tenho passado carnavais estupendíssimos aqui e si não marcassei neles de peito com que o fiz no Recife, o ano passado, nas quartas-feiras seguintes me senti sempre naquele prazer desamparado que é a convicção de quem se diverte. Ora, mais vale uma convicção que dois passaros voando. O mal é outro, pois. Está na divisão nítida da população em dois grupos absolutamente distintos: carnavalescos e espectadores. E inda temos que distinguir a respeito de espectadores, porque há duas classes deles. Há o espectador que vai assistir a uma coisa com intenção de se divertir. É, por exemplo, o caso do indivíduo que compra bilhete e entra no teatro. Este faz parte do espetáculo, está claro, ajuda a realidade social do divertimento, se diverte e ajuda o prazer dos outros parceiros. Mas tem ainda a classe dos espectadores que assistem à coisa sem querer. Basta imaginar no bilheteiro, no encarregado do pano-de-boca, no vendedor de balas, pra compreender de quem estou falando. Estes são indivíduos tão incompatíveis com o prazer como a situação psicológica do "Ridi-julgálio".

Isso é incontestável. Talvez poucos dos leitores já tenham reparado, mas a gente está se divertindo mesmo muito, de repente passa a figura fatídica de Nemesis, entoando: "Baleiro! Chocolates finos!", é horrível! o divertimento para em nossa boca e fica soletrando, enquanto Nemesis não se esvai.

Ora a primeira classe de espectador, os espectadores de verdade, são uma parte importantíssima do Carnaval carioca. Centenas de estrangeiros e de provincianos que vão ao Rio "divertir o Carnaval", como, sem querer, diz muito observadoramente um dobrado recifense. Esses em São Paulo não existem, são os outros que abundam aqui. Quem? São alemães, franceses, ingleses, principalmente norte-americanos de passagem, que vieram ganhar dinheiro, dinos de gordas mensalidades e promessa firme, antes certeza de em dois anos estarem de novo no rincão pátrio. Essa gente fica atabalhada ante a festa dos nativos. É menos um dia útil pra eles. Passam na rua, olhando, comentando, vão pra um bar, e pra todas as espécies de bar, acho mesmo que se divertem... Mas não divertem o Carnaval, não tomam parte em, e isto é que importa decisivamente.

Explicado isso, agora estou disposto a confessar que a culpa é dos paulistanos. Nos falta força convincente da coisa pra ar-

rastar os outros na onda. No Rio, no Recife, esta força existe, os carnavalescos são irresistíveis. Lembro-me muito bem da primeira vez que compartilhei dum Carnaval carioca. Era tarde de sábado e cheguei na Avenida, não sei, aquilo me chocou, me machucou, fiquei ofendido com o espetáculo, fui tomar um refresco pra engulir o malestar. Não enguli nada e continuei solitário como um deus até de noite. Mas resistir quem há-de? O resto nem se conta.

O mesmo sucedeu o ano passado no Recife. Mesma sensação, mesma repugnância inicial, mesmo abandono de mim em seguida, e finalmente uma frevolência dionisiaca marcada a pedra branca no livro desta nossa vida. Recife... Estupidas as cozinhas e todos os estupefacientes!... Poucos sabem o que é a moleza equatorial, semi-á, dum calorão que não prostra porque é contínuo e maguado pelas águas, poucos sabem o que é essa espécie de estado de gorhura de alma, em que de sopetão um frevo passa cantando e toda a gente cã no "passo"... Hoje, que a coisa está um ano de mim distante, pensando bem, parece que mastigo um sonho. Aquilo não foi vida não, nem foi sabá nem catimbó. Foi... não sei o que foi, foi o frevo do Recife e melhor Carnaval deste Brasil.

Uma feita se encontraram aqui na minha casa dois poetas ilustres pernambucanos. Um carioca da gema como existência e outro pernambucano em tudo e por tudo. O assunto Carnaval levou os dois para uma discussão de fogo-do-ar, com muita luz e pouco alcance. Discutiram, discutiram, de repente descobri que um não conhecia o Carnaval que o outro defendia! Naquele tempo eu não podia ser juiz, não tinha conhecimento de causa. Agora tenho. E dou o prêmio pro Recife. Está claro que o Carnaval do Rio é muito mais vasto, muito mais turistável, muito mais baleão e mercadoria à escolha, mas o Rio não passará jamais duma fotografia na "Illustration", prêmio de beleza, cidade empregada-pública com a sincura de capital do país. E tudo isso é detestável pra honradez pesadona dum provinciano que nem eu. No Carnaval do Recife há uma pátria com civilização própria funcionando, tudo é típico e tudo incomparável.

Voltando a esta Paulicéia tão pouco desvaída: o nosso Carnaval não será jamais uma festa de unanimidade social porque nos falta esse dom de irresponsabilidade, convincente a ponto de arrastar os outros para dentro do nosso prazer.

Depois do entrudo, que também imperava aqui, no ano de 1857, conta Antonio Egídio Martins, os paulistanos resolveram fazer um Carnaval também. Três anos depois aparecia já o primeiro bando carnavalesco, os Zuavos, que fizeram uma passeata mascarada pela cidadela. Eram comerciantes, funcionários públicos, os figurões da terra, a nata da nobreza, o "High-Life" da saparia gôglô das varzeas do Carmo e do Athangaba. Saíram da chacra do comerciante Caetano Ferreira Balhar, na rua da Gló-

ria e passaram pelo centrinho. Tão tristes, tão solenes, tão paulistanos que, segundo um cronista da época, citado pelo dr. Eugénio Egas, "os Zuavos pareciam mais um bando ou cortejo cívico do que devotos de Momo em plena folia carnavalesca". Depois voltaram pra chacra e se dançava.

São Paulo muito que se transformou depois... mesmo os Zuavos de agora já são menos solenes, mais alegres e aprenderam a cantar. A própria nobreza mansa, tão familiar, vai desaparecendo, desgostosa com as fábricas e o calor artificial da cidade granfe. Nossa psicologia tem se modificando quasi que completamente. Os paulistanos já batem palmas nos teatros. Mas não sei, creio que é o fantasma do comerciante Caetano Ferreira Balhar que, feito uma tírica daninha, não ainda não consegue arrancar com raiz, dos nossos gestos. E rebota por toda a parte, na cidade moderna, e agora aventureira e amoral, pesando sobre a gente o seu corpo sem gesto de zuavo de amostra, o fantasma do comerciante Caetano Ferreira Balhar.

MARIO DE
ANDRADE



Do film mudo ao film falado

HA mais de tres annos que appareceram em New York os films falados. Em 6 de Agosto de 1926, os irmãos Warner, directores da Vitagraph C., sentindo ameaçada a prosperidade da firma, lembraram-se de apresentar, de uma forma nova, o film *D. João*, interpretado pelo actor theatral John Barrymore, Dolores Costello e Estelle Taylor.

Conseguiram o intento com a conjuncção de scenas inteiramente dialogadas, gravadas em discos e reproduzidas num auto-falante, collocado atraz da tela, por meio de um amplificador de T. S. F.

A tentativa era interessante. A attracção da novidade encheu as salas, mas a idéa não apaixonou muito o publico americano. O processo estava ainda imperfeito.

Os irmãos Warner tinham entretanto a certeza do futuro indiscutível da invenção. Persistiam corajosamente e fizeram, com o concurso de um celebre cantor de music-hall, Al. Jonson, o famoso film *The Jazz Singer* que foi todo gravado em grandes discos gramophonicos. O conjunto homogenio; o successo

formidavel, definitivo.

No entanto, o *Cantor do Jazz* representava apenas o film sonoro; e não o verdadeiro film falado. Mas o passo estava dado e os aperfeiçoamentos não tardariam a se succederem, rapidos, fulminantes. Os technicos da industria cinematographica americana estudaram a questão e os dois systemas actuaes da cinephonia (disco e film directamente impresso) foram empregados ao mesmo tempo pelas grandes firmas dos Estados Unidos.

Ha tres annos, a cinematographia franceza prepara-se para a produção de films falados.

Não trataremos da technica do film falado. Os nossos leitores, com certeza, acompanharão-lhe as experiencias e os progressos desde os primeiros balbucios. Guardaram na memoria as realizações engenhosas e commercialmente praticas de Louis Gaumont, com o seu notavel synchronismo cinematographico, do qual parece descender o processo americano actual da *Western Electric*. Além disso o seu segundo systema de registro dos sons sobre uma segunda pellicula, *paralela* à pellicula photo-electrica, procede — supponho — da invenção inicial de de Alguistin Lauste. Lauste foi o primeiro que conseguiu imprimir sobre a emulsão sensível de um film, as vibrações sonoras do microphone, tornadas, graças a um aparelho do qual tirou patente, em 10 de Julho de 1913, *vibrações luminosas*.

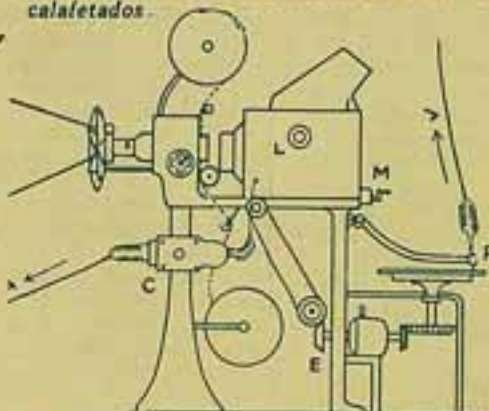
Pouco tempo depois, o sabio americano Lel de Forest continuou essas experiencias e conseguiu gravar directamente sobre o proprio film, à margem das figuras cinematographicas, os sons que se produziam. Um dos processos — o mais promettedor e o mais scientifico — do film falado, nasceu.

Examinemos rapidamente cada um dos seus systemas:

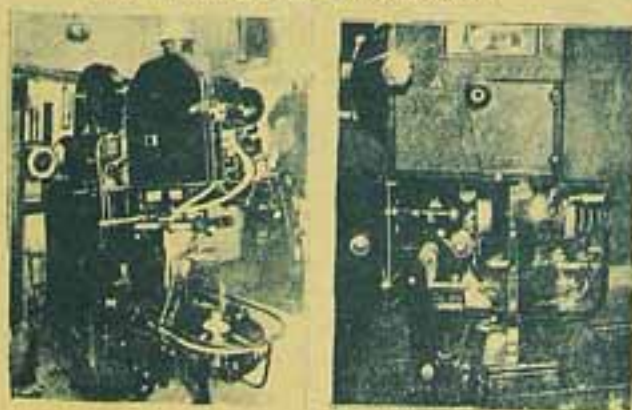
Dispositivo de reprodução por disco. O disco está collocado sobre uma chapa na parte inferior do aparelho: o "pick-up" reproduz os sons. Um motor (U) movimenta synchronicamente o disco e a pellicula, por meio de uma engrenagem (E).



Systema de gravação de voz sobre disco. O aparelho de filmagem é de tipo commum. Os sons apanhados pelo microphone são conduzidos ao beliche, no qual um "pick-up" de extrema sensibilidade os registra sobre o disco. Todos os aparelhos são fechados em beliches calafetados.



Schema de um aparelho projector munido de dois aparelhos de reprodução sonora. A, fio electrico ligado ao amplificador collocado atraz da tela. C, cellula photo-electrica para a reprodução dos sons registrados photographicamente no film. E, motor que serve para o duplo movimento do film e do disco (P.) — L, lanterna de projecção — M, regulador do andamento do motor. — P, chapa porta-discos. — P, "pick-up" para a reprodução dos sons gravados nos discos. V, fio electrico ligado ao amplificador.



a) A sono-visão por meio de registro de sons sobre discos phonographico conjugado com o film;

b) A sono-visão por meio de registro de sons sobre emulsão sensível do proprio film.

Para realizar o primeiro, utiliza-se um *studio* cuidadosamente isolado de qualquer barulho exterior por uma calafetagem apropriada. A iluminação electrica em arco, é substituída por uma forte iluminação á incandescencia por filamentos metalicos, que evita o ruido dos carvões voltaicos. O aparelho de filmagem fica fechado num beliche. A objectiva registra as scenas através de um vidro isolante, de extrema transparencia. Essa precaução é indispensavel para supprimir na gravação dos sons, o rumor inevitavel das engrenagens do aparelho de preparação do film.

Um microphone ultra-sensível, no genero dos utilizados pela T. S. F., é collocado diante dos actores. Um circuito electrico liga esse microphone a um beliche, tão calafetado quanto o *studio*, construido a certa distancia delle, no qual fica uma grande placa de gramophone, movida á electricidade e cuidadosamente synchronizada com o mechanismo do aparelho de filmagem. Nessa placa vae um disco sobre o qual um pick-up de extrema sensibilidade registra os sons apanhados pelo microphone.

O disco é muito maior do que o disco commum de phonographo e a rotação lenta é calculada para que a sua duração corresponda exactamente á duração de uma bobina de pellicula, cujo tamanho é quasi sempre de 300 metros. Utiliza-se assim um disco por bobina (ou parte de film) o que simplifica consideravelmente o trabalho de projecção.

Como se faz a projecção? E' muito facil: no beliche do operador montam um portadiscos, conjugado com o mechanismo que movimenta o film e pousado no proprio motor electrico do poste projector.

Um pick-up restitue, por meio de uma estação de amplificação radiophonica, o que ficou gravado e que um auto-falante por traz da tela transmite á sala de espectáculo.

Uma dificuldade compromettia a singularidade do processo: todos sabem que o som caminha mais lentamente do que a luz. Na realização dos films falados, precisaram scientificamente a diferença que existe entre as velocidades particulares do som e da luz e resolveram, por uma operação mathematica, que: os sons sejam registrados, pelo menos, vinte quadros antes daquelle ao qual elles pertencem.

O operador de projecção tem apenas que descer a agulha do diaphragma phonographico sobre o indix especial gravado no disco, tendo anteriormente, collocado no projector, em frente ao signal gravado sobre este, um outro signal impresso no film. Por em se-

Dispositivo da reprodução de registro sonoro sobre film. A pellicula descendo do projector A, onde se vê através da janella B, o mechanismo de movimento do film, passa num quadro C, no qual é illuminada pela lampada E que impressiona a cellula photo-electrica E e volta ao deposito levada pela engrenagem D. Em G os amplificadores.

guida, o motor em movimento: o synchronismo produz-se automaticamente.

Para controlar os sons, o operador tem á sua disposição, no beliche, um pequeno auto-falante ligado directamente ao da t ela. Essa precaução permite-lhe seguir do seu posto tudo o que o publico ouve na sala.

E eis o systema — tão simples — da synchroniza  o sonora por disco e film independentes, conjugados.

O segundo systema, o da gravação dos sons e das palavras, sobre a propria pellicula,   margem dos quadros do film. E' muito mais pratico e a manipulação ainda mais simples.

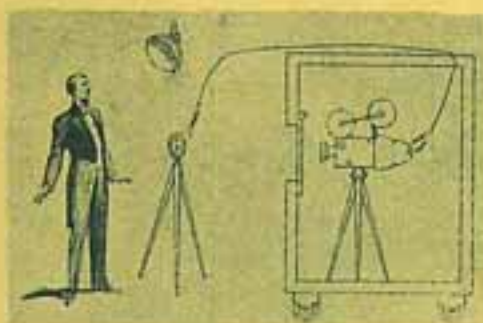
A gravação   realizada quasi da mesma maneira que a do disco, com a differença que o microphone   ligado não mais como beliche gramphonico, mas com o appa elho de filmagem.

Esse appa elho, de construc  o especial,   provido de uma cellula photo-electrica, que transforma as vibrações sonoras (enviadas pelo microphone) em vibrações luminosas, que a emulsão sensivel do film registra, em restas luminosas, sobrepostas e de intensidade photogenica variavel, na margem estreita, reservada entre os quadros cinematographicos e uma das perfurações lateraes que servem para o andamento da pellicula.

Imagens e sons são assim gravados conjunctamente num unico film, de tamanho commum. Tambem a i as velocidades do som e da luz estão previstas mathematicamente e reguladas de forma mechanica na concepção do appa elho.

A t iragem das copias positivas do negativo (copias para a projecção)   pouco mais ou menos igual a dos films mudos.

Percebe-se a grande simplicidade de manipulação de um film desse systema. A projecção ainda



Systema de gravação de voz e de ru idos pelo processo photo-electrico. V e-se, atraz do appa elho de filmagem, a forma de impressão directa dos sons sobre o film.

  mais facil do que no caso de gravação em disco. Não ha desdobramento.

No poste de projecção   montada, a certa distancia do objectivo, uma cellula photo-electrica que o film atravessa, ao sa ir do mecanismo habitual de rotação. Nessa cellula se encontram: uma lampada electrica de intensidade media e uma lampada especial, no

genero da lampada inventada por Lee de Forest. O film passa entre as duas lampadas.

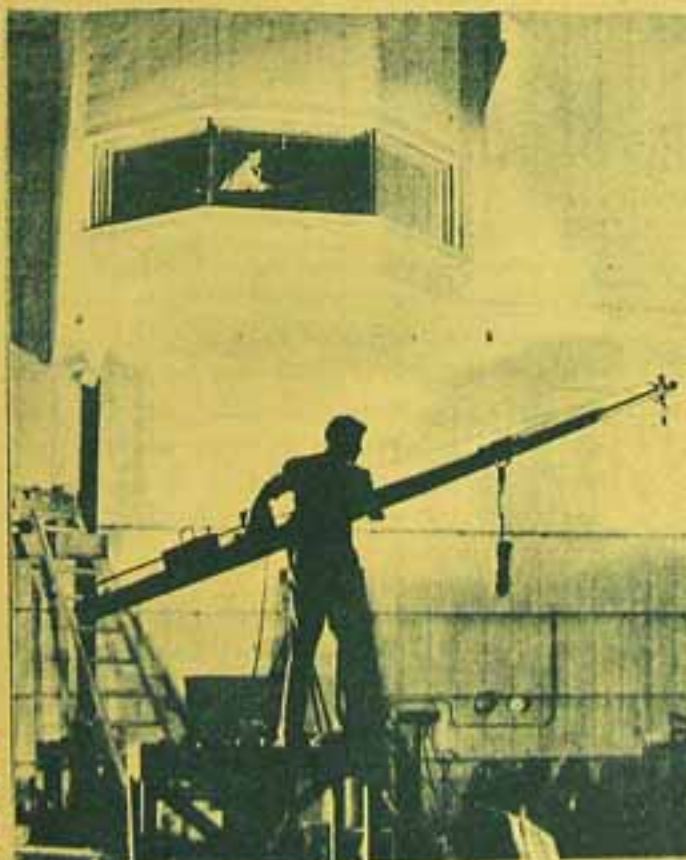
As vibrações luminosas registradas photographicamente sobre a margem especial da pellicula são iluminadas pela ampola commum e vêm agir sobre a lampada photo-electrica que as transforma em vibrações sonoras. Essas vibrações atravessam um amplificador e são conduzidas electricamente ao auto-falante collocado atraz da t ela. A manipulação de um film desse systema, não   mais complicada para o operador de projecção do que um film commum, pois tudo se passa mechanicamente, automaticamente.

Como para o disco, o operador tem   sua disposição, no beliche, um auto-falante controlador.

Os ultimos appa elhos de sono-projecção construidos permitem utilizar os dois systemas de synchroniza  o sonora. Um cinema possuindo um ou dois desses postes, que occupam o mesmo espaço dos postes communs, p de passar, alternativamente, durante a mesma sessão e sem nenhuma transformação, dos films falados, synchronizados por disco, aos films com registro sonoro na propria pellicula.

Qual será o futuro do film falado? Ninguem p de predizel-o. Destronar  o theatro? Ou lhe dará de novo a voga que parece ter perdido no nosso seculo? E' um problema ainda difficil de resolver. Contentemo-nos de constatar, nessa forma de espectaculo, uma das mais maravilhosas e perturbadoras invenções, cuja utilização scientifica não   menor,

ao nosso ver, que a utilização recreativa. Em todo caso   indiscutivel que nos conduzir  ao proximo prodígio sa ido da imaginação humana: a telephonovis o. Mas isto será no futuro... Evitemos as previsões antecipadas!



Num studio dos Estados Unidos. Ao alto, isolado no beliche de janellas envidraçadas, feitas com a superposição de cinco vidros, o "controlador do

som"; em baixo, o electricista arruma no lugar o microphone registrador. Note-se o acolchoamento de todas as paredes.



Marque
Rebello

• • • • • UM RAPAZ COMPLICADÍSSIMO...

DEPOIS do ajantarado, esticado na cama, farto da peixada com que D. Lola brindava, dominicalmente, seus hospedes, seus olhos foram se pregar no quadro em trichromia. Então o quadro foi ficando grande, grande, cada vez maior e a movimentar-se, e a mudar de cores. A moça de azul ficou encarnada, atirou fóre as cerejas e veio sahindo do quadro. — Dá licença? — Desceu uma escada que não existia e começou a andar pelo quarto, gesticulando, exaltada. O quarto ali também não era mais o quarto. Era a sala da casa della, com o "abat-jour" de gaze verde cahindo em pontas, o retrato do moço amigo da familia, que morreu de typho, dormindo no aparador. o papel vermelho, que já não forrava mais nada, se esbeçando pelos cantos. Só o relógio, engraçado, era diferente: um relógio sem tic-tac, sem ponteiros, sem pendulo. Mas a voz da vizinha era a mesma e cantava.

Ella queria, queria, queria. Bateria com o pé: eu vou!

Foi que elle comprehendeu: era

a scena da vespera, do sabbado. O vestido vermelho — ella dentro, nervosa — movia-se para todas as direcções; multiplicava-se, occupava toda a sala como se não fosse um, mas cem, mil, um milhão de vestidos vermelhos e impacientes a exigir uma cousa quasi impossivel, a gritar que queria, que queria!

— E' isto mesmo. Se não quiser, melhor.

Quiz. — Vae. Ella foi. Elle ficou só na sala. Na sala não, no quarto que era quarto outra vez, com tudo nos seus logares: o quadro na parede, com a moça de azul sorrindo para as cerejas, o lavatorio de metal e o espelho ferrugento, manchado. Só a sombra do cabide tinha mudado do chão porque o sol andára um bocadinho. Foi quando elle sentiu, pela primeira vez, com uma certeza absoluta, a inferioridade patente da sua vontade, ante as investidas. Sentira-se fraco para arcar com a violencia de uma negativa. Sentira-se forte para contrariar-se e satisfazer-a. Forte? Teve, então, num repente de tristeza sem limites a cinematização

nitida, sem pontos obscuros nem duvidas, daquella vida que seria, dadora em diante, a sua vida. Sorria para a vida futura, de dentro da sua tristeza resignada, com a mesma sinceridade que sorrira sempre, de dentro da sua alegria, para os homens que o cercavam.

• • •

Lá longe era o panorama de sempre: um scenario que elle creara e que haveria de ser, sem mudar, o scenario do seu interior. A compreensão das cousas futuras não o deixava alarmado. Resolvia tudo miraculosamente bem. Não haveria tropeços que não conseguisse burlar com a simples perspectiva da sua felicidade. Depois elle fazia por acreditar que haveria uma paz inevitavel naquellas vidas pequenas das quaes elle já se sentia o creador, o Jehovah louro e caixa d'olhos, sem nada de divino, que burguezmente se contaminava com todos os conductores dos bondes, com todas as mesinhas de café e com todas as necessidades da vida commum.

(Termina no fim do numero)



Do Carnaval que passou
 Aspectos do baile do America Football Club. — Baile no Hotel de Londres. — No Club de Regatas Botafogo. — No Centro Mattogrossense. — Dois automoveis no corso de terça-feira gorda. — Cinco holandezas no Bairro dos cinemas.





Baile na Rio de Janeiro Athletic Association



Segunda-feira de noite,
quando os ranchos andavam na cidade.





Gente grande brinca de noite, gente pequena brinca de dia.
E foi de dia que as meninas e os meninos do Club de Re-



gatas Flamengo e do Botafogo Football Club fizeram o seu
carnaval dançado.



B
a
i
l
e
s

i
n
f
a
n
t
i
s





Carnaval na rua

Automoveis nos cursos de domingo,
segunda e terça da semana boa.





GUIGNOL

HONTEM levei Suzanna ao Guignol. Divertimo-nos muito; é um theatro ao alcance do nosso espirito. Se eu fosse autor dramatico, escreveria para os fantoches.

O theatro como o entendem as pessoas grandes é uma coisa muito complicada para mim. Não percebo nada das intrigas bem urdidas. Toda a minha arte consistiria em descrever as paixões e eu escolheria as paixões mais simples. Coisas que não valeram nada para o Gymnase, o Vaudeville ou a Comédie, mas que seriam excellentes para o Guignol.

Ah! no Guignol as paixões são simples e fortes. O bastão é o instrumento commum. Na verdade o bastão tem um grande poder de comicidade. A peça recebe desse agente, um vigor admiravel; precipita-se para o "grande estardalhaço final". E' assim que os Lyonnenses, inventores do typo de Guignol, desenharam a complicação geral que termina todas as peças do repertorio. O "grande estardalhaço" é fatal. Seja o 10 de Agosto, o 9 Thermidor ou Waterloo.

Pois eu hontem fui com Suzanna ao Guignol. A peça que nós assistimos pecca, sem duvida, em algumas passagens; mas não pôde deixar de agradar a um espirito meditativo, pois dá muito que pensar. Pelo que comprehendí, é philosophica; os caracteres são verdadeiros e a acção é forte. Vou contal-a como a interpretei.

Anatole France queria bem ás creanças e guardou toda a vida um pouco da sua sensibilidade infantil. E' delle este Guignol que Pierre Lissac illustrou e "Para todos"... se desculpa de traduzir.

Quando o panno se levantou, appareceu Guignol. Reconheci-o; era elle mesmo. O rosto largo e calmo conservava as marcas de antigas pancadas de bastão, que lhe amassaram o nariz, sem alterar a amavel ingenuidade do olhar e do sorriso.

Não trazia nem o camisão de sarja nem o gorro de algodão que, em 1815, na alameda dos Brotteaux, os Lyonnenses não podiam olhar sem rir. Mas, se qualquer sobrevivente daquelles meninos que viram, juntos, nas margens do Rhône, Guignol e Napoleão, antes de morrer de velhice, viesse se sentar connosco, hontem, nos Campos Elysios, teria reconhecido a famosa "barbica" da querida marionetta, e o pequeno rabicho que se agita alegremente sobre a nuca de Guignol. O resto do costume, casaca verde e bicornia preto, é da velha tradição parisiense, que faz de Guignol uma especie de creado.

Guignol olhou-nos com os grandes olhos e fiquei logo seduzido pelo seu ar de candura descarada e a visível simplicidade daquella alma que dá ao vicio uma certa innocencia. Pela alma e pela expressão, era bem o Guignol que o bom senhor Mourguet, de Lyon, animou com tanta fantasia.

O nosso Guignol nada disséra ainda, o pequeno rabicho agitava-se

sobre a nuca. Rimos. Gringalet, seu filho, veio juntar-se a elle e deu-lhe uma formidavel cabeçada na barriga, com graça natural. O publico não se aborreceu: ao contrario, reventou em gargalhadas. Um tal começo é o cumulo da arte. Se não sabem porque a audacia agradou tanto, vou-lhes explicar: Guignol é creado e usa casaca. Gringalet, seu filho, usa blusa; não serve a ninguem e não serve para nada. Essa superioridade permite-lhe bater no pae sem faltar ás conveniencias.

Foi o que Suzanna sentiu perfeitamente e a sua amizade por Gringalet não diminuiu. Gringalet é, com effeito, um personagem sympathico. Delgado e pequeno tem um espirito farto em recursos. E' quem esborda o soldado.

Aos seis annos Suzanna já tem opinião formada sobre os agentes da autoridade; é contra elles e ri quando Pandoro apanha de bastão. Ella faz mal. Entretanto, confesso que, me desagradaria si pensasse de outro modo. Acho que, em todas as idades devemos ser um pouco revoltosos.

Assistimos a uma discussão entre Guignol e Gringalet. Suzanna dá razão a Gringalet. Eu dou razão a Guignol. Escutem e julguem: Guignol e Gringalet caminharam para attingir uma aldeia mysteriosa, que só elles descobriram e onde corriam, em multidão, os homens ousados e ambiciosos se elles a conhecessem. Mas essa aldeia é mais

oculta do que foi, durante cem annos, o Castello da Bella Adormecida no Bosque.

Nella ha qualquer encantamento, é habitada por um feiticeiro que reserva um thesouro áquelle que sahiu victorioso em varias provas, cuja idéa basta para arrepiar de medo.

Os nossos dois viajantes chegaram á região encantada com disposições bem diversas. Guignol está cansado; vae se deitar. O filho reprova-lhe a molleza.

— E' assim, diz Gringalet para o pae, que nos apossaremos dos thesouros que viemos procurar?

E Guignol responde:

— Ha algum thesouro que valha o somno?

Gosto da resposta. Vejo em Guignol um sabio que conhece a vaidade das coisas e aspira o repouso como unico bem, depois das agitações culpaveis ou esterres da vida. Suzanna acha-o um estúpido que dorme em occasiões inopportunas e perderá, por culpa propria, os bens que desejava, talvez grandes bens: fitas, dôces, flores. Ella elogia Gringalet pelo esforço para conquistar os thesouros magnificos.

(Termina no fim do numero)



Os Tamanquinhos de Lisieux

DIANTE das reliquias de Santa Therezinha do Menino Jesus, no Carmelo de Lisieux, sinto-me transportado áquella scena entre Leão XIII e a menina de quinze annos, de cabellos louros e delicado rosto seraphico:

— Pai Santissimo, tenho uma grande graça a pedir-vos!

O episodio é contado por ella propria na "Historia de uma alma". O Papa recebia em audiencia a familia Martin, o velho veneravel, as duas filhas carmelitas e Maria-Francisca-Thereza, palpitante de um projecto audacioso... (Ella pediria licença para entrar no Carmelo com 15 annos de idade, mas as autoridades ecclesiasticas não o queriam conceder-lhe.)

Cada peregrino devia ajoelhar-se aos pés do Summo Pontifice, beijal-os, depois beijar-lhe as mãos. O velho Martin, humildemente, fez o acto de respeito: o Vigário Geral de Bayeux apresentara-o a Sua Santidade como pai das duas carmelitas.

E passou, advertido pelos dois guardas-nobres de que devia ceder o lugar ao peregrino seguinte. Quando chegou a vez de Thereza, ella bem sabia que, segundo a palavra de ordem, ninguém devia falar ao Summo Pontifice. Não importa, seu coração palpitava de impetos...

— Pai Santissimo — exclama com os olhos cheios de lagrimas — tenho uma grande graça a pedir-vos!



Photographia tirada em Janeiro de 1889. Therezinha, noviça, aos 16 annos, no jardim claustral do Carmelo. A expressão da sua physionomia é de uma ingenua e perfeita felicidade. Tinha realizado o seu sonho.

Leão XIII baixou a cabeça para ouvir aquella criança de cabellos louros que candidamente se exprimia assim, tremula de commoção.

— Pai Santissimo, permitti que eu entre no Carmelo com quinze annos!

O Vigário Geral de Bayeux; ao lado de Sua Santidade, teve um gesto de contrariedade dissimulada e explicou ao Papa: — Pai Santissi-

mo, é uma criança que deseja a vida carmelitana; porém os superiores neste momento estão examinando a questão.

Leão XIII negou á criança adoravel a graça pedida:

— Bem, minha filha, faça o que os superiores decidirem.

Santa Therezinha juntou as mãos em supplica, apoiou-as sobre os joelhos do Papa e insistiu desesperadamente:

— Pai Santissimo, si disserdes um *sim*, toda gente dirá *sim*!

Leão XIII olhou-a fixamente e pronunciou, "apoiando sobre cada syllaba com um tom penetrante":

— Vamos... Vamos... você entrará si Deus quizer.

Santa Therezinha estava cheia de um mystico ardor. Ia falar mais, ia insistir—advogada ingenua da sua vocação divina. Porém os dois guardas-nobres se tinham aproximado, convidavam-na a partir... Ella continuou em pranto aos pés do Papa, com as mãos tocando os joelhos de Sua Santidade, como para infiltrar-lhe a

inspiração misericordiosa, o *sim* a que as autoridades do Carmelo se curvavam. O Vigário Geral de Bayeux, tomou-a pelas mãos, os guardas-nobres seguraram-na também. (Deviam ter sentido que ella era leve como um passarinho naquelle instante, possuida que já estava de uma graça maior.) Santa Therezinha partiu... Ella desejava ser "o brinquedo do Menino Jesus" e os homens

não queriam. Devia esperar ainda... Esta passagem da "Historia de uma alma", lembro-a diante dos instrumentos de penitencia que magoaram sua carne pura: os cilícios, a disciplina, o bracelete de ferro, a cruz.

Aqui estão outras tocantes lembranças da sua vida piedosa e breve: o vestidinho com que foi baptizada; o vestidinho, com uma faixa de seda côr de rosa, com que atirava flores nas procissões de Corpus Christi; o vestidinho da primeira communhão, ainda com o rosario que seus dedos desfolharam então; e os habitos religiosos... O burel severo, o manto branco, os véos, a corôa de rosas que tocaram sua cabeça graciosa no dia em que professou...

Commovem-me, principalmente, os cabellos louros. Não teria coragem de passar as mãos por elles; seria profana a minha carícia. Estão ainda enfeitados de lyrios, os lyrios do dia em que ella tomou o habito.

Demoro-me a olhar a cadeira rustica, de assento de palha grosseira, junto á mesinha de pintura. Ali está a palheta de que a santa se servia para colorir imagens.

Os pinceis, ha muito tempo secos, parecem esperar os dedos da Santa, os dedos que nunca se cansavam de servir a Deus na pratica dos actos modestos. Junto á mesa está um quadrinho (representa Jesus Christo), o primeiro trabalho



Therézinha, com 8 annos, atirando flores na procissão de Corpus Christi, nas ruas de Lisieux. O vestido com que ella tomava parte nessa solennidade religiosa está piedosamente conservado entre as demais reliquias da Santa.

Therézinha, aos 15 annos, pedindo ao Papa Leão XIII que lhe permittisse entrar para o Carmelo antes dos 21... (Quadro de Celina, irmã da Santa, que assistiu á scena.)



de Therézinha, quando se dedicou á pintura de télas para ganhar esmolas em beneficio do Convento. (Fazer versos não rendia nada e as carmelitas de Lisieux viviam pobremente.)

Santa Therézinha, entretanto, não trabalhava só com a penna lyrica e a palheta utilitaria. Ali está o agulheiro, o porta-alfinetes, as tesouras. Punha remendos pudicos nos habitos carmelitanos; e quando os pulmões ficaram doentes, impedindo-a do maior esforço, tecia corôas de flores.

*"Bem sabes, ó meus Deus, que para
[amar-te na terra
Não tenho senão o dia de hoje!"]*

A hora breve estava no fim. E quando se arrastava pela cella, Therézinha do Menino Jesus calçava aquellas alpargatas, das que ali estão, vazias agora, para sempre...

Fico olhando, longo tempo, as alpargatas. Imagino os frageis pés da Santa pesando um quasi náda na solla de corda. Ao lado, os tamanquinhos de pau, com que ella descia ao jardim, estão também vazios. Parecem esperar um presente do Papae Noel. Atravez da grade de ferro, que me separa de todas essas reliquias, ainda animadas dos ultimos contactos da Santa, lanço um beijo para os tamanquinhos.

Um anjo um dia virá roubal-os e voará com elles para o Paraizo.

CARNIVAL



Servi-
co
espe-
cial
feito
com
plu-
rões
para
"Para
to-
dos..."

O
b
a
i
l
e
d

o Botafogo Football Club

Carnaval



BAILE
A
FANTASIA
NO

BOTAFOGO FOOTBALL CLUB



Photos "Para todos..."
por Lafayette



Uma
festa
bonita
e
elegantissima



NO
BOTAFOGO
FOOTBALL
CLUB



BAILE
DO
BOTAFOGO
FOOTBALL
CLUB



Photographias de Lafayette,
especiales para "Para todos..."



PARA TODOS...



SENHORITA
YVETTE
LABROUSSE,
MISS
FRANÇA

AS mulheres da França, feitas em Paris, espalham pelo planeta uma noção errônea da beleza do país de Jeanne D'Arc. São muito magras, muito pintadas, pretextos para vestidos. Mas intelligentíssimas. Ora, intelligentíssimas todas são. Só não são todas como os figurinos. Yvette Labrousse que, por acaso, tem uma casa de modas em Lyon, realiza o tipo nacional francez, e não é difícil encontrar nas linhas da sua cabeça a saudade dos retratos do século XVIII.



SENHORITA

ZOICA

DONA,

MISS

RUMANIA

ELLA vem trazer ao Brasil a belleza da terra da Rainha Maria que é a rainha mais bonita do mundo. Zoica Dona tem vinte annos. Estuda sciencias politicas. E' filha de um general. Os cabellos della são castanhos escuros, iguaes na côr aos olhos grandes e risonhos. Alta. Magra. Com geito de brasileira. Vae ser das creaturas mais populares durante o tempo do concurso aqui no Rio que é o paraíso das morenas.

PARA TODOS...

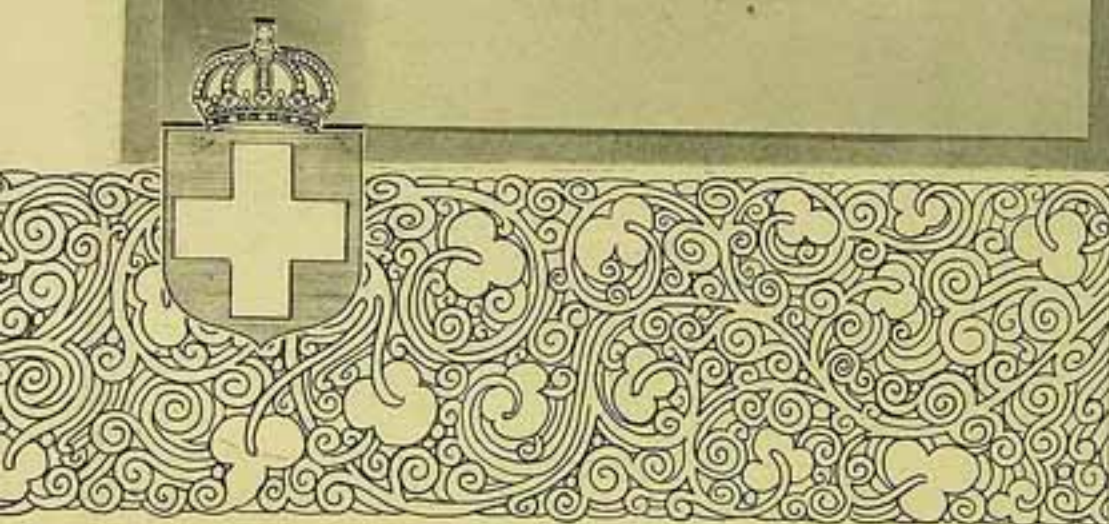


QUANDO a gente estuda geographia aprende o nome do Reino Unido da Inglaterra e Irlanda. Mas esse reino não é unido não. A Irlanda quer viver independente e tem feito muita força para conseguir isso. Véra Curran mostra no sorriso vagamente desdenhoso a sensibilidade do seu povo que deu o Prefeito de Corck, rei dos jejuadores, e Bernardo Shaw, que não liga a mínima importancia ás coisas que acontecem.

SENHORITA
VÉRA
CURRAN,
MISS
IRLANDA



Ao senhor Geraldo Rocha, formidável realizador, fica o Rio devendo a maravilha que vai ser a escolha de "Miss Universo" em 1930. "A Noite" vai guardar entre as suas victorias essa victoria que realizará a mais notavel propaganda do Brasil.



SENHORITA
ALICE
DIPLARAKOU,
MISS GRECIA,
MISS EUROPA

COMO diria um orador na Academia: "A Grecia, fiel ás suas tradições, deu ao concurso internacional de belleza o exemplar mais perfeito!" Quando Alice Diplarakou chegar, a gente vai ver...



A NOITE



E' filha de um pharmaceutico. Foi eleita entre oitocentas candidatas, em Amsterdam. Cabellos de ouro fosco, sol na sombra dos canaes.

SENHORITA
RIE
VON DER REST.
MISS
HOLLANDA



SENHORITA

MARIA

PAPPSZ,

MISS

HUNGRIA

O título de um romance que já foi um film afirma que os homens preferem as loiras. As bellezas eleitas pela Europa estão desmentindo a afirmação norte-americana. Quasi todas ellas são morenas. Maria Pappsz é morena. Venceu em Budapest entre tresentas candidatas idas de todas as cidades da Hungria. E o jury era de homens. Maria Pappsz vae gostar do Rio. O Rio vae gostar de Maria Pappsz, rapsodia viva, madrugada no Danubio...

PARA TODOS...



TEM dezoito annos. Devia ser branca da côr da coalhada bulgara. E' côr de jambo, fruta que não dá na sua terra. Só para contrariar. Quando era pequena, no tempo da grande guerra, o tsar Ferdinando fazia toda a admiração de COUNKA Tchoubanova. Depois, ella descobriu que os homens, mesmo quando são reis, só valem vistos de longe. Não se desilludiu com a descoberta. Ao contrario. Chegou á idade de começar a vida completamente incorporada ás companheiras da Europa, da Asia, da Africa, da America e da Oceania. Mulher.

SENHORITA
COUNKA
TCHOUBANOVA.
MISS
BULGARIA





ESTA pequena serve de lição para as pessoas teimosas que xingam de futuristas os poetas que não contam versos pelos dedos, os pintores que não pintam como os velhos mestres, os músicos, os escultores, os architectos e todos os artistas differentes dos autores que estão ha muitos annos no céo. A mulher na Turquia era um mysterio tambem physico. Pois ahi vem Mubebgel Namigk sem véos, de cara a mostra. O tempo mudou...

(Todas as photographias das Misses Européas são de G. L. Manuel, Paris, vindas por avião, especialmente para "Para todos..." Prohibida a reprodução)

SENHORITA
MUBEBGEL
NAMIGK,
MISS
TURQUIA



CARNIVAL

O BAILE DO FLUMINENSE F. R. CLUB

Reportagem photographica feita
especialmente para a nossa revista



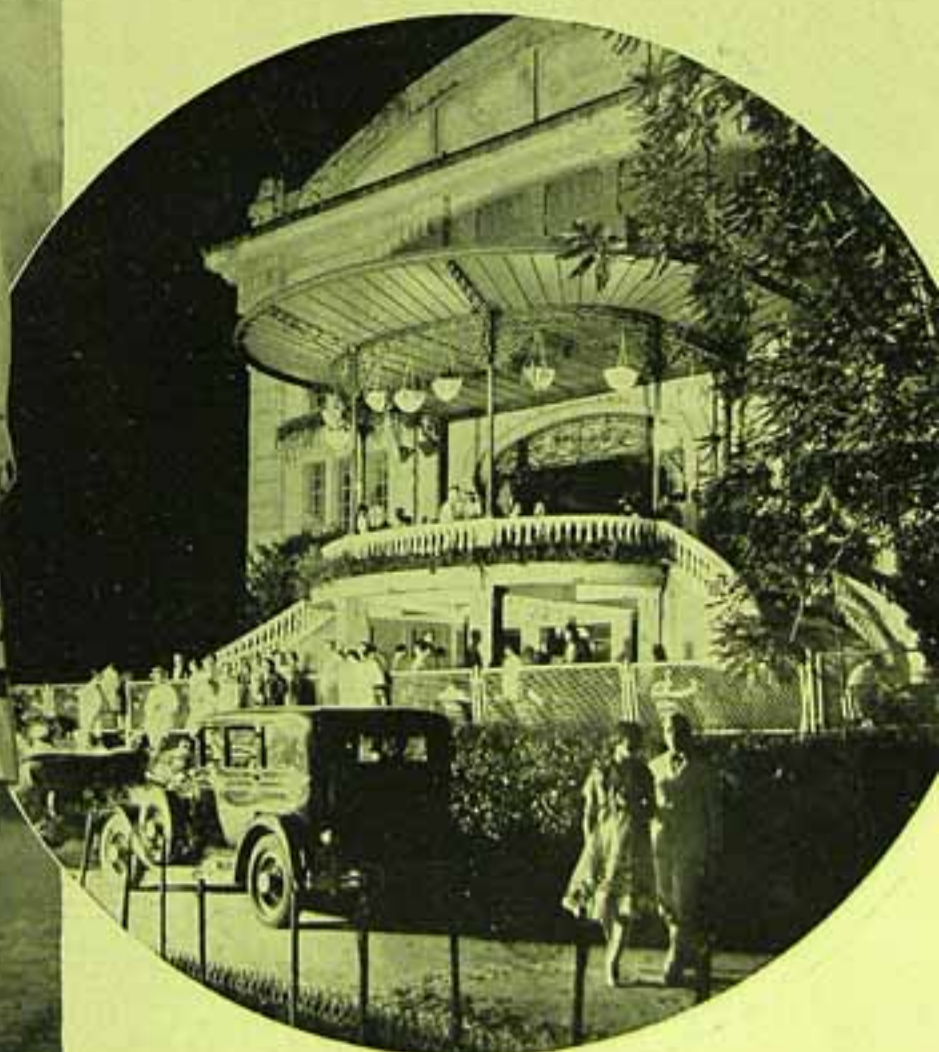
"PARA
TODOS..."
FOI
AO
BAILE
DO
FLUMINENSE
FOOTBALL
CLUB



E
TROUXE
DE
LA'
ESTAS
LEM-
BRAN-
ÇAS
LIN-
DAS
DO
CAR-
NA-
VAL



UM GRUPO DE CIGANOS E
CIGANAS, FANTASIAS,
A ENTRADA DO BAILE



PHO-
TO-
GRA-
PHIAS
OBTI-
DAS
SEM
MAGNE-
SIO,
POR
LUZ
DE
FHA-
RÔES

NO

BAILE

DO

FLUMINENSE

FOOTBALL

CLUB





ALBERTO
SUAREZ
TRADUÇÃO
DE ANELÉH

A VINGANÇA

DESENHO DE
J. CARLO

LUIZ calou-se.
Depois, fitando em mim, seus olhos irônicos, acrescentou:

Creio que agora não terás coragem de me negar o que te peço. Prometto restituir-te a importância logo que o possa.

Duvidei um pouco. Parecia-me absurdo que, cada vez que o meu amigo Luiz tinha uma aventura, fosse eu o escolhido para lhe facilitar o dinheiro que precisava.

Depois procurei ficar sério, afim de evitar que me envolvesse no incenso do seu agradecimento, que sempre acabava com as mesmas palavras:

— Ora, estou quasi dizendo que tu és meu socio em todas as minhas aventuras.

— Olha, Luiz — disse-lhe por esta vez que é a ultima, cêdo e te empresto este dinheiro, mas, para a proxima vez irás pedil-o a outro, pois as tuas novidades não me agradam.

Elle, rindo-se, segurou as notas no ar.

— Mas tu não sabes como é *estupendo* isso de conquistar as mulheres alheias! A minha especialidade são as casadas, porque quasi não nos incommodam, e como têm quem as calça e veste, nada nos pedem. Para que te convenças da qualidade das minhas aventuras, convido-te a irs esta tarde ao "Café da Inglaterra", e ali verás o meu caso. Depois, dando-me uma forte palmada no hombro, afastou-se com um riso de triumpho.

Quando se retirou, fiquei indignado com a fraqueza que eu sempre revelava ante os constantes pedidos de dinheiro que Luiz me fazia.

Havia um fundo de inveja na minha indignação, por ver que as suas aventuras galantes se succediam ameude, com excessiva frequencia.

Elle devia ter uma arte especial para as seduzir, pois não era nenhum Apollo, e estava muito longe de o ser.

Quando entrei no escriptorio, trazia uma idéa para me vingar de Luiz.

Vinha buscar a cumplicidade dos meus companheiros de trabalho, para juntos surprehendel-o no seu amoroso colloquio, á hora em que me disséra que eu poderia conhecer a dama para a qual eu lhe emprestara dinheiro.

Eu esfregava as mãos, pensando na cara que elle faria, quando fizessemos a nossa entrada no café.

Naturalmente, depois não lhe ficaria vontade de tornar a falar-me das suas aventuras e muito menos, de tornar a incommodar-me com os seus pedidos. Chamei os meus companheiros e lhes expuz a minha idéa. Todos a acolheram com jubilo. Cada um expoz o seu plano.

Esperámos impacientes a hora da sahida, te o effeito que aquillo produziria em Luiz. entretendo-nos em saborear antecipadamente. Nós já o imaginavamos, com um gseto de

contrariedade, ao ver-nos entrar todos no café.

Depois, fingiríamos que estavamos surprehendidos ao encontral-o, ali, em companhia de uma mulher que não era a sua. Riámonos, pensando na cara que faria a dama, quando visse que tudo aquillo tinha sido premeditado.

Os seus credits como D. Juan galante e discreto iam soffrer um rude golpe.

Depois, certamente nos exigiria uma explicação do nosso procedimento, ao ver como perdia uma das suas conquistas que, conforme me me disséra, era um dos seus melhores triumphos na sua carreira de moderno Casanova.

Todos nós o censuravamos, invejando-o no fundo.

Ao principio, quando nos contava as suas aventuras, nós o ouviamos indifferentes, attribuindo esses successos á sua excessiva fantasia.

Depois, nós o tinhamos visto furtivamente com varias mulheres, algumas de belleza bastante discreta.

Tinhamos chegado a crêr friamente nelle quando nos relatava uma nova aventura, o que lhe succedia todos os mezes.



Ante esse desfile de conquistas, a nossa admiração nos fazia com que o interrogássemos como fazia para se ver livre dellas.

O caminho que separava o escriptorio, onde trabalhavamos, do café, onde havíamos de encontrar Luiz, não era longo, e depressa andámos, conversando alegremente sobre o incidente.

Annibal, um dos meus companheiros, poz-se a dizer:

— Parece impossivel que existam maridos tão cégos que depositem tanta confiança em suas esposas! Eu, si algum dia me casar, terei o cuidado de vigiar constantemente a minha mulher.

Como casado, julguei-me no direito de intervir.

— Não, Annibal; não devemos pensar assim. Pelo facto de haver 10, 20 mulheres entre 100 que enganem os seus maridos, não podemos deixar de respeitar as outras que não são assim.

Que direito eu tenho de desconfiar de minha mulher, só pelo motivo de saber que Luiz tem um *rendez-vous* com uma mulher casada? Desengana-te, Annibal, todos nós sabemos o que temos em casa, pouco mais ou menos. Eu tenho confiança em minha mulher, porque a conheço muito bem, e sei que não seria capaz de enganar-me. Quando uma mulher far isso, é porque não ama o marido.

Tinhamos chegado ao café.

Quiz ser o ultimo a entrar, para poder ver em toda a sua indignação o rosto de Luiz.

Vi todos os meus companheiros avançarem para um determinado sitio. Quiz-me fazer de distrahido, e de repente os meus olhos encontraram o casal que procuravamos. Olhei. Senti que as minhas pernas cediam e que eu ia cahir. Deante dos meus olhos, Luiz conversava amorosamente com a minha mulher

C
A
R
N
A
V
A
L



No baile
do Gremio
Onze de Junho



No baile
infantil
do Club
dos Ban-
deirantes

No baile
infantil do
Club Naval



A Inglaterra é o paiz das tradições. Ha pouco um particular que, como todo o genuino inglez, tem o culto das recordações interessantes, deu dois mil e oitocentos dollares pelo famoso anel que Isabel, filha de Henrique oitavo e Anna Bolena, offereceu ao seu apaixonado o Conde de Essex. As rainhas assim como as simples burguezas, são sujeitas, ás vezes, a inspirar e a sentir paixões violentas que as desgraçam para sempre. A historia narra algumas, desvendando verdadeiros dramas que abalaram os muros dos palacios. Isabel d'Inglaterra, a feroz inimiga dos catholicos, a impiedosa mulher que se escudou sob a purpura sumptuosa do manto, para, tyrannicamente, alem de outros crimes hediondos, fazer morrer a sua linda rival Maria Stuart, não escapou tambem á lei soberana do amor. Maria era sua rival pelo prestigio da beleza e do saber, fazendo-a fervilhar de inveja e de rancor; por sentil-a mais poderosa na sua impotencia do que ella em todo o esplendor que o sceptro lhe concedia. E não querendo, ou talvez não conseguindo esmagar o reptil venenoso que lhe sugava a tranquillidade, commetteu mais essa infamia, que, até hoje, depois de tres seculos, pezando como uma lápide fune- raria sobre a sua memoria, nos enche de pasmo e de horror! Sem remorsos, sem attender a supplicas de ninguem, a feroz soberana fez desaparecer a mulher mais formosa do seu tempo, aquella meiga e sentimental rainha da Escossia, que tantas lagrimas derramava ao abandonar o seu lindo paiz que a comprehendia e amava, pela rigidez desoladora da soberba Inglaterra. Isabel, a insensivel, a cruel, que as mulheres odiavam e os homens temiam, cujo auctoritario protestantismo a fez commetter crimes infames, teve tambem as suas horas de amor, embora curtas e agitadas. Entre os seus apaixonados o Conde de Essex, foi talvez o que mais a impressionou. O seu correctismo de cortezaõ, o seu amor-proprio, a sua figura aristocratica e desdenhosa, fizeram-na devancar. A mulher de temperamento duro e palavras



Saudade

DESENHO
DE
DI CAVALCANTI

O Anel da Rainha

Por

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

inflexiveis, sorriu enternecida. O seu peito estremeceu, o rubor tingiu-lhe de tintas mais fortes o rosto severo; a sua mão habituada a lavar sentenças de morte, ergueu-se para o Conde num movimento apaixonado.

Essex foi durante algum tempo o favorito predilecto da soberana. A sua radiosa estrella que parecia nunca dever perder o fulgor, produziu invejas, rancores, ancias tumultuosas de vinganças... A sua posição excepcional na corte, aticava de raiva os que pretendiam a rainha, desesperando ao mesmo tempo as damas que por elle suspiravam.

Nessa occasião Isabel deu-lhe o famoso anel, que, agora por acaso interessante, voltou a fazer parte dos thesouros dos reis de Inglaterra,

recommendo-lhe de lh'o devolver, mesmo sem o acompanhar de nenhuma carta ou bilhete, caso algum dia elle se achasse em perigo.

— "Basta que eu o veja — accrescentou para soccorrel-o immediatamente. Os annos, porém, foram passando, e a rainha, voluvel como algumas mulheres e enigmatica como quasi todas, cançou-se um dia da assiduidade do Conde e fello viajara para longe.

Elle partiu resignado e calmo, porque o anel que nunca tirava do dedo, lhe serviria de talisman. Se não lhe tornasse a dar o amor de Elisabeth, lhe traria ao menos o seu perdão.

Ella lhe prometteu que ao recebê-lo, todo o seu sentimento contra elle se esvoaçaria como uma fumaça perante a chamma commovente da recordação.

Mas com as traições politicas, as intrigas, as ciladas de toda a especie, Essex foi condemnado á morte.

E a rainha soffreu a terrivel desventura, alguns dias depois d'elle ter subido ao catafalco, de ouvir a sua mais intima amiga, a Condessa de Nottingham confessar-lhe na agonia que Essex lhe confiara o anel para o entregar á rainha, numa derradeira supplica, mas ella se recusara a fazê-lo por ciumes, porque amava tambem o Conde e não era por elle amada!...

O desespero da rainha era medonho. Roida de saudades e de remorsos, arrancou os cabellos, desvairada, declarando aos gritos:

— "Deus poderá perdoar-lhe, mas eu nunca o farei!"

Conhecendo-lhe esse amor desventurado, eu me quedei pensativa em Londres, deante de sua figura feita de cêra.

Fitei cheia de curiosidade aquelle aspecto de fera acorrentada na vitrina, aquella fronte impassivel, aquella bocca cerrada, guardando sentenças funestras, aquelle corpo hirto dentro do vestido de velludo azul, com a fina gola branca encanudada, cruel como um carrasco, e cujo peito de aço encerrava um coração que parecia nunca ter palpitado!



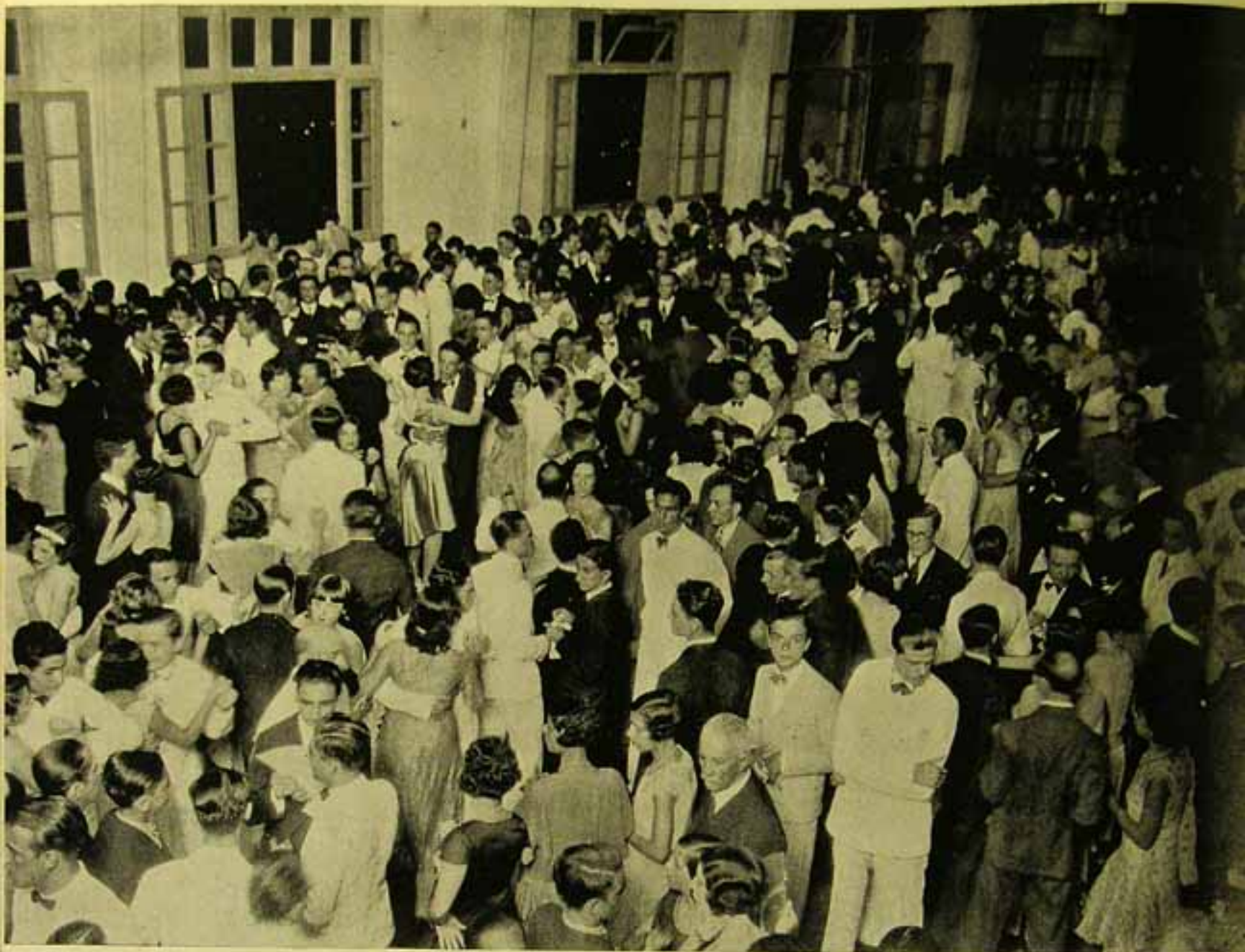
JESY BARBOSA

A revista "Radiocultura" abriu um concurso para saber qual era o primeiro cantor regional brasileiro. Venceu uma cantora: Jesy Barbosa. Todos a admiram, todos lhe querem bem, todos ficaram contentes. Jayme Redondo tirou o segundo lugar. Olga Pragner o terceiro. Muito votados foram Gastão Formenti, Geny Rebuá, Anna Albuquerque Mello, Francisco Alves Patrício Teixeira, Sylvio Salema.

O Theatro Lyrico hospeda Roulien e a sua companhia de films scenicos. A companhia tem Aurora Aboim, Alma Flora, Cordelia Ferreira, Diva Tosca, Elvira de Jesus, Elza Cabral, Henriqueta Romanita, Julieta d'Almeida, Lisle d'Ambra, Ruth Vianna, Barbosa Junior, Eduardo Viana, Durval Rebouças, Ignacio Brito, Manoel Rocha, Olavo de Barros. Os preços são de cinema. A sympathia de Roulien e a vontade de fazer bem e diferente, que o torna mais sympathico, dão esperanças ao exito da temporada na rua 13 de Maio.



ROULIEN



Aspecto do grande baile com que a Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro festejou o 50º aniversário da sua fundação. Foi no edificio d' "A Noite". Sabbado proximo, publicaremos a reportagem completa.

COMMERCCIO E POESIA

Na Academia Brasileira, quando foi commemorado o centenario do nascimento do poeta João de Deus. O senhor Silva Ramos lendo as suas encantadoras recordações. Os senhores Luis Guimarães, Ataulpho de Paiva, Augusto de Lima, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque e Affonso Celso escutando.



Felicidade de Lola Kneip



Julieta Telles de Menezes fez uma viagem bonita por todos os Estados do Norte. E desde a Bahia foi encantando aquella gente com a sua presença e a sua voz. Lá longe, no Pará, encontrou Encida. Em Santa Maria de Belém. A cantora e a poetisa mandaram juntas uma porção de saudades para o Rio.

Vem ensinar-me o que é a felicidade, amado. Tu que és bom, tu que trazes as mãos cheias de bençãos piedosas, tu que tens nos lábios um sorriso de misericórdia e amor para os infelizes, joga no meu caminho tristonho as luzes mornas da bondade que te anima...

Vê como é triste e escura a estrada que eu devo trilhar — sem esmorecimento, sem desânimo, até o fim.

As urzes me magoam e laceram os pés, mas eu não devo chorar. Um rastro de sangue acompanha-me os passos — as lágrimas que eu choro nos momentos de agonia dolorosa, no mais profundo do meu coração... Os meus olhos permanecem secos. Mas, se vissem as lágrimas que eu choro lá dentro, no íntimo, com medo que ellas me venham molhar o rosto exangue! Mas, não, os abutres cruéis que me espreitam nas encruzilhadas dessa estrada dolorosa, que esperam uma lágrima minha para explodirem em gargalhadas tremendas de sarcasmo e zombaria, esses nunca me verão chorar! Porque eu trago n'alma, fundamente gravada, a sciencia do orgulho. Embora o meu coração pene, embora derrame lágrimas dolorosas, no íntimo, que me vão levando a vida, nos meus lábios permanece um sorriso atóico de displicencia e ironia!

E custa-me tanto, amado, essa comedia inútil! Sou tão dolorosamente infeliz!...

Vem, tu que és bom, semear o meu caminho das rosas da tua bondade... A minha gratidão será infinita! Eu serei a tua escrava, a tua amante, a tua rainha, o que quizeres. Serei a serva mais humilde, que não tem o direito de erguer os seus olhos magoados para o senhor poderoso, porque só o seu olhar insulta, tamanha é a diferença que os separa, sua noiva apaixonada e ardente, que te offerecerá a bocca aos teus beijos sábios, beijos enlouquecedores de quem sabe, inteira, a sciencia unica do amor... Meus braços brancos formarão cadeias perfumadas ao redor do teu pescoço, eu me banharei em sandalo, para que do meu corpo moço e bello se evolue um perfume que te embriague... Tudo isso, amado, em troca de um pouco de felicidade! De um pouco da felicidade, que me pintam tão bella e que na minha vida é um eterno desejo insatisfeito.

Felicidade! Por que, para mim, és tão fugidia chimera? O que te fiz eu que, quando te quero prender, tu foges ao meu anseio, como mulher esquivada ao beijo que não quer?

Por que, Felicidade?

Hyldeth Favilla é da Bahia e faz poemas lindos. "Sarabanda iluminada", que ella publicou ha pouco, tem uma exaltação tão envolvente que ninguém poisa os olhos naquellas paginas uma vez só. Os olhos vão contar o que viram. A sensibilidade se alvoroça. E é então um tal de lêr e relêr a "Sarabanda iluminada", que o livro de Hyldeth Favilla fica todo de cór, na alma e no corpo.





Rocha Lima

PENETRANDO
ATE'
O
MAIS
INTIMO
RECANTO DO
CORAÇÃO
DE
DONA
EVANGELINA
ROCHA LIMA

Cila



Os dramas da alma feminina

Gravuras da reportagem
de
Walter Prestes
publicada neste numero

Fortunato Perez



Dona Evangelina

ACCUSADA
DE
TER
CHEFIADO
O
BANDO
DE
MASCARADOS
QUE
MATOU
SEU MARIDO

Carlos



Os
tres filhos
do
casal Rocha Lima



E o seu programma para o carnaval? — perguntou-lhe um amigo.

— Ah, meu caro!... Hade ser o mesmo de sempre: champagne e mulheres no primeiro dia, mulheres e champagne no segundo e o mesmo programma, em dose dupla, no terceiro... Que venha o carnaval e hade ver quantas conquistas e quantas aventuras deliciosas!

Assim falou Cesario Almendra, typo perfeito de conquerant, de **homme a femmes**, capaz de todas as audacias e de todas as indignidades para conseguir aquillo que desejasse. Ultima encarnação de D. João Tenorio, detruia lares com a mesma serenidade com que sorvia um dry martini no Cog d'Or, usando para isso os mais ardilosos estratagemas, as mais perfidas intrigas e — quantas vezes! — valendo-se mesmo da carta anonyma, que é a ignobil arma dos villões...

No carnaval, em vez de vestir-se á moda da velha Hespanha, de **manto ao hombro, feltro ao vento e espada ao lado**, como melhor conviria á sua elegante figura donjuanesca, enfiou-se nas roupagens romanticas de Pierrot e sahiu pela cidade a farejar conquistas. Nos dous primeiros dias do "reinado da Folia", — conforme á expressão sexagenaria dos chronistas carnavalescos, — Cesario Almendra tomou algumas bebedeiras notaveis e inscreveu oito endereços no seu catalogo telephonico de uso particular...

No terceiro dia da formidavel bacchanal que todos os annos, com a força de uma avalanche, deita por terra os preconceitos sociaes e oblitera o bom senso da humanidade, vamos encontrar Cesario Almendra, Pierrot alegre e tonto, andando de baile em baile, procurando novas presas para satisfazer a sua vaidade morbida de conquistar, não pelo prazer das conquistas, mas pelo prazer de narra-las á roda dos amigos, invejosos e assombrados...

Em uma dessas festas, encontrou fantasiada de Colombina uma rapariga, cuja plastica, de uma perfeição hellenica, logo prendeu a sua attenção. Devia ter, se tanto, uns dezeseite annos, a julgar pela esbelteza dos seus contornos de adolescente, pois o seu rosto estava inteiramente vedado por uma longa mascara negra. Cesario Almendra mirou, remirou-a, com um sorriso mephistofelico nos labios...

Convidou-a para dansar. Um fox-trot. Dous... Tres... E mais de mil galanteios, centenas de promessas mirabolantes... Ella, porém, resistia ao assedio, pilhe-riava respondendo aos galanteios,

A aventura carnavalesca de Cesario Almendra

zombava das promessas que elle lhe fazia...

— Um collar de perolas? Tenho mais de dez...

— E uma baratinha, linda como um sonho...

— Cuidado que não seja algum Ford...

Isso desesperava Cesario Almendra. Não ha cousa que mais nos irrite quando pretendemos conquistar uma mulher do que esse ar desdenhoso com que ellas nos repellem. Cesario, entretanto, jurara que havia de triumphar. E lembrou-se de diluir no champagne o bom senso daquelle encantadora Colombina.

— Aceita uma taça de champagne?

— Pois não...

Sentaram-se a uma mesa. Veiu o champagne. A Colombina pediu canudos.

— Canudos para champagne?

— Sim, canudos... E' uma excentricidade de carnaval, como outra qualquer... Além disso, não posso tirar a mascara. Não quero que alguém me veja...

Bebebram. A Colombina aos poucos ia se tornando mais jovial, mais alegre, mais condescendente. Agora já era ella quem pedia:

— Garçon! Mais champagne!

Cesario Almendra comprehendeu que a praça estava conquistada. Convidou-a para ceiar, num gabinete reservado e discreto, longe das vistas dos endiabrados foliões que dansavam furiosamente no salão, cantando coplas malandras de sambas da Favella...



A Colombina accedeu docilmente. No gabinete, Almendra rogou-lhe que tirasse a mascara. Estavam completamente sós. Não tivesse recio. Elle era um cavalheiro muito discreto, incapaz de comprometter uma dama...

— Vamos, Colombina, anda! Tira essa mascara e deixa-me beijarte...

— Mas com uma condição: apagaremos todas as luzes...

— Seja!

Tableau. E, dentro da treva, Pierrot e Colombina, enlaçados, beijaram-se loucamente, soffregamente... Uma hora... duas horas, talvez...

— Deixa-me morder-te, para te deixar uma lembrança minha, — pediu a rapariga.

— Morde-me! Despedaça-me as carnes! Mata-me, se quizeres! — rugiu satanicamente o Pierrot.

E, levantando a manga da fantasia, estendeu-lhe o braço direito. Os dentes pontegudos da Colombina penetraram-lhe violentamente as carnes. Um filete de sangue jorrou, maculando a alvissima seda do magnifico Pierrot.

Almendra jámais esperara daquelle creatura, de apparencia tão ingenua, taes requintes de sensualidade. Estava assombrado diante daquelle loucura, daquelle phrenesi que a dominava. Quiz, nesse instante, ver-lhe o rosto, incendiado pela volupia e, solerte, apertou o commutador electrico.

A luz jorrou no ambiente. Almendra, encarando a rapariga, soltou um grito de horror. A face entumecida, coberta de pustulas e de manchas roxas, uma palpebra caída e a outra se prolongando quasi até a ponta do nariz, as orelhas inchadas, disformes, desmedidamente dilatadas, tudo indicava que a desgraçada era uma leprosa. E elle fôra mordido por ella. Estava ali, no seu braço, ainda sangrando, a ferida aberta pelos dentes acerados da leprosa!

Como que um turbilhão rolou no cerebro avinhado de Cesario Almendra. E elle sahiu, desvairado, a pedir agua, em altos brados. Deram-lhe agua. Lavou-se uma, dez, mil vezes. Mas não ficava satisfeito. Queria sempre mais agua. E gritava, e berrava, e rugia:

— Agua! Agua! Agua!

Estava louco. Hoje está internado no manicômio. Passa os dias e as noites inclinado sobre um lavabo, lavando-se, esfregando-se, sem cesar, e gritando o unico vocabulo que ainda se recorda:

— Agua! Agua! Agua!

R. Magalhães Junior...

Rio — 3-1930.



De Elegância

VESTIDO prompto, resolvido o caso da bolsa e dos sapatos, luvas condizentes, é o momento de pensar no chapéu. Um chapéu!

Como se deve ter cuidado na escolha d'elle que é, como os sapatos, o verdadeiro complemento da "toilette"! O chapéu tanto aviva a expressão de um olhar como a modifica; emmagrece um rosto como o engorria. E, na materia, todas preferem afinar o corpo, porém, manter viçosas as faces, quer de um rosto fino quer de um redondo. Fisionomia descarnada não está no ról das cousas interessantes. Assim, o chapéu não é tão facil de ser escolhido como á primeira vista parece. De um anno a esta data e ainda pelo outomno que virá proximamente e pelo inverno que se lhe segue, os chapéus de rigor são os pequenos, muito justos ao rosto, muito grudados á cabeça. Assentam em todas? Assentam sem distincção? Muito pelo contrario: nem assentam em todas, nem assentam em muitas, maxime os de genero "casquette" que requerem

rosto fresco, muito joven ou dando a illusão disso. Ha, entretanto, chapéus pequenos que vão bem, na generalidade. São os de feitio mais commum, os "cloche", os de aba batida á frente, que, grandes, são denominados: pirata. E estão de uso e preferidos por muita gente bonita.

O chapéu extremamente minúsculo como o de abas grandes requer fisionomias especiaes. Como saber disso? Experimentando-os. E não se deixar levar pelos gabos das calxeirinhas de loja que o que querem é vender, vender de qualquer geito. Uma até procurava inculcar a uma senhora edossa, na minha presença, um panamá enfeitado de vermelho, azul vivo e amarello laranja. Certamente o chapéu tinha "cachet", mas não para um rosto enrugado e cabellos de prata.

A não ser de palha, "bakou", "bengale", e outras muito finas e apropriadas



para o nosso verão, o chapéu que se vae usando e que se vae adoptar no proximo inverno é o de pano-feltro, de "drap", de seda ou de fita. E' o chapéu feito de fazenda que se dobra com facilidade, que se arruma na cabeça dando o feitio que se quer, que não amarrota. E' fino, elegante e pratico. Resta, apenas, escolher o feitio adequado, não só a idade como a linha do rosto, e também a linha geral.

Carmen Cinira publicou "Grinalda de Violetas", linda brochura de versos que me offereceu do qual transcrevo a seguinte poesia:

"ERA UMA VEZ...

A arvore sonhava quieta quando
O vento veio e, como um trovador,
Acordou-a, cantando
Docemente
Uma canção de amor...
Depois, mais forte,
Num transporte
De amante ardente,
Cingiu-a toda,
Beijou-a toda

E partiu carregando a mais bella das
[folhas...

E a arvore amou o vento com desvelo
Mas ficou triste por temer
Que elle, inconstante, arremessasse
Em alguém barathro de gelo
A preciosa presa,
Aquella parte mais querida do seu ser.
E enfim não mais a desejasse...

Mas a folha, tão fragil de lembrar
Uma romantica princeza,
Deixava-se levar,
Inconsciente do perigo,
Tonta de prazer e de paixão...
Eu sou a arvore... o abysmo — o esque-
[cimento...

Tu és o vento
E a folha que lá vae fascinada contigo—
Meu coração!"

SORCIERE



Nesta época em que vamos todos assistindo á dolorosa decadência de todas as artes entre nós, é sempre bastante consolador acompanhar o esforço de alguns artistas brasileiros que, fóra do Brasil, ainda conseguem chamar, para o nosso nome, a atenção dos publicos e das platéas cultas da velha Europa.

Tratámos, na nossa chronica passada, do lindo successo que estará obtendo, na temporada lyrica da Real Opera de Roma, a nossa patricia Bidú Sayão.

Hoje, a nossa referencia será, em primeiro lugar, para Heloisa Bloem Mastrangioli, que também se acha na Italia, em viagem de recreio, mas que, apesar disso, não quiz perder a oportunidade que teve, para se apresentar.

Heloisa Mastrangioli acaba de realizar um concerto em Milão, no Instituto Livre de Cultura. O seu exito foi completo, sendo facil de aquilatar, sabendo que a distincta artista foi obrigada a cantar quatro numeros extraordinarios.

Todo o Rio musical sabe perfeitamente o quanto Heloisa Mastrangioli é caprichosa na organização e interpretação dos seus programmas. Não se admirará, portanto, de saber que o seu triumpho na famosa cidade italiana, foi o mais completo possível.

La Sera, assignalando o successo desse concerto, que classifica de magnifico, faz referencias particularmente entusiasmáticas á belleza de voz da cantora brasileira, á sua esplendida escola e ás suas raras perfeições de estylo, registrando que a artista foi applaudidissima e forçada a conceder numeros extraordinarios.

Tambem **Il Popolo d'Italia** se referiu lisongeiramente ao concerto de Heloisa Mastrangioli, cuja voz considerou quente e finamente modulada e cujo estylo perfeito impressiona, tendo por isso mesmo interpretado admira-

MUSICA

velmente Schubert, Schumann, Tuberli e outros. Salienta, em seguida, a interpretação primorosa dada a um poema de Souto Siquido, composto de quatro cantos originaes, admiravelmente cantados, que o publico acolheu com especial interesse.

Não são, porém, unicamente de He-



A professora Ruth Hamile Gonçalves que ultimamente conquistou o 1º premio, Medalha de Ouro, no concurso de piano do Instituto Nacional de Musica. E' alumna da Eximia Professora D. Maria dos Santos Mello.

loisa Mastrangioli as noticias que nos chegam da Europa. Tambem em Paris o nosso patricio Ladarío Teixeira tem conseguido impor-se ao applauso publico, realizando concertos que equivalem a successos consecutivos.

O nome do artista é bastante conhe-

cido da nossa platéa musical. Ladarío Teixeira é cego de nascença. Mas Deus, que lhe negou a luz dos olhos, não lhe negou a luz da intelligencia, dotando-o de grande sensibilidade artistica. Ladarío, como se sabe, é um saxofonista exímio. Elle faria successo, por força, aqui ou em qualquer parte do mundo, onde se saiba apreciar devidamente os meritos de um verdadeiro artista.

Omer Singelée, critico do "Courrier Musical" escreve sobre Ladarío estas palavras: "Raramente temos occasião de ouvir um recital de saxofone. Entretanto, nas mãos de um artista emerito, esse instrumento pôde prestar-se á interpretação das musicas, as mais diversas, porque os seus recursos excedem singularmente os limites em que os preconceitos oriundos do seu emprego nas fanfaras e harmonias, nos habituaram a circumscrever arbitrariamente as suas possibilidades. O Sr. Ladarío Teixeira merece louvores por ter provado magnificamente o que affirmamos, tocando num saxofone de qualidade notabilissima obras diversas, transcripções de paginas para instrumento de arco e para flauta."

O critico, como se vé, faz uma referencia especial ao instrumento de qualidade notabilissima do artista. E' que Ladarío Teixeira aperfeiçoou o saxofone, accrescentando-lhe algumas notas nos registros grave e agudo. Essa modificação permite ao saxofone executar peças de violino e de violoncello e outros instrumentos.

A principal fabrica franceza desses instrumentos aceitou as alterações nelles feitas pelo artista patricio, reconhecendo que redundaram em grande melhoria.

Para fechar estas linhas, devemos registrar que o tenor brasileiro Sylvio Vieira foi contractado pelo empresario Meluzzi, para cantar em varios theatros da Italia para onde deve seguir dentro em breve.

"PARA TODOS" NA BAHIA



O governador Vital Soares, entre os moços da "Caravana da Mocidade Mineira", políticos bahianos e jornalistas.



De regresso de suas victoriosas excursões ás capitães platinas, chegam á Bahia os jovens illustres Demosthenes e Pericles Madureira de Pinho.

A minha Josephine Baker.

(Saudades de sua passagem por São Paulo)

Os homens mãos, que o mundo tem, inventaram para deica de sua maldade uma mulher satânica — mistura de selvagem e de "bas-fond" — que elles cobriram de ouro e de má fama e fizeram atordoar o mundo, de cima de um "cabaret", com o nome de Josephine Baker.

Josephine era o horror dos lares honestos.

Josephine era a negra diabolica que transtornava os juizos mais severos do universo.

Josephine era a Vênus de ebano.

E os homens mãos escreveram as "memórias" de Josephine Baker. Em poucos mezes foram servidas edições e edições de milheiros desse livro, que revelaria coisas-do-arco-da-velha.

As boas senhoras brasileiras perignaram-se, quando passou pelo R'io a negra atrevida.

Felizmente não pisaria os palcos nacionais.

Mas o Viggiani não permitia essa heresia. Trouxe Josephine. A Josephine perigosa. A Josephine consoladora. A millionaria impudica.

A' meia luz da sala quasi Vas'a do "Odeon" eu fui apresentado á Josephine Baker.

Negra?

Nunca! Josephine não é de ebano. Tem na epiderme e na voz toda a gostosura dos chocolates com leite do amigo Falchi. Um arzinho lugueno de menina boa. Conta como se fosse uma das nozias amiguinhas ali do 4º anno do primeiro grupo escolar do estado de São Paulo. E' simples. Multíssimo simples. Capaz de rir—como eu a vi rir—com um engano do machinista do theatro singelo em que ella appareceu — sem o cortejo do "girl", sózinha, no meio do palco, tal qual uma actrízinha princip'ante.

Não pude acreditar. Fa'ei-lhe:

— "Mas Josephine! E' você?! E' você que veio ao Brasil com toda essa bondade mestiça da minha terra?! Não, não é você... Os homens do mundo gritaram pra mim que você era uma negra satânica. Você dansou nos "cabarets" mais afamados do mundo, arrastando com'go os corações dos homens. E a fortuna não lhe negou preito, a própria fortuna tão avára! Os homens me contavam que você tem palacios e tem joias. Sua alma deveria ser negra como o seu corpo. E você me apparece assim?! Nessa ingenua caudura das nossas mulat'nhas impuberes, Josephine?!..."

— "E' porque eu sou, meu amigo, um pouco mais que as mulatinhas impuberes de sua terra. Satânica, eu?! Ninguém o poderia ser aos 23 annos de idade, pois você não acha? Se eu arrastel corações? De um sei eu que me arrastou. E esse é o de meu ma-

rido. Que nem é conde, você não sabia disso? Rica? Sou, e é natural. Esses homens que o mundo tem; esses sujeitos perigosos que se dizem conqu'adores; esses que encheram os "cabarets" para me ver não os tema, meu caro amigo. Esses pobres-diabos só têm uma função na vida: fazer de conta que a vida é má. Elles são os produtores de tudo quanto é bobice — como a Josephine Baker — satânica, que você pensou existir e elles pensaram fazer existir. E, como ha muitos homens tolos no mundo, eu enriqueci. Como você enriqueceria. Como se enriqueceram tantos homens e tantas mulheres, no fundo igualzinhos a mim. O satanismo, a impudicela, a falta de vergonha, não sabe ainda de onde vêm? Da burguezia, meu velho..."

— "Josephine, toma um "drink"?"

— "Thank yan, Guy", prefiro chá com torradinhas".

HOMERO SILVEIRA.



Embarque para a Bahia, de regresso de sua excursão a Buenos Aires, dos professores Estacio de Lina e Exma. familia e Decalbo Dias, e dos academicos senhorita Lili Lages, Demosthenes Madureira de Pinho, Pericles Madureira de Pinho, Miguel Calmon Sobrinho, Magno Baptista e Lages Filho.

PAGINAS LIDAS

Este automovel espiritual enguicha a miude. Pois se a gasolina é escassa e o motorista não é habil excentrico! Mas, com o favor de Deus, vai fonfonando sempre, um fonfonar sem estridência nem insolência. Fonfona e anda. Um andarinho meio preguiçoso... Mas vai... Vai, para dizer coisas sem beleza, porém, sinceras. Por exemplo: que os "vinte annos de circo", do senhor Brasil Gerson, offerecem um espectáculo delizioso.

É um livro que a gente lê de olhos fechados, com está cavaqueando com um velho amigo, muito do peito, e que sabe ter graça, ter finura, ter subtilidade, ter espirito.

É um livro que a gente lê de olhos fechados, num religioso recolhimento, como o recolhimento dos adoradores da musica de camera, caso fosse isso possível. Porque o diabo do livro é bom de verdade.

Para julgar-o, embora se queira ser aquelle critico descripto por Gomes Carriello, e que o senhor Brasil Gerson enquadra guapamente numa scintillante pagina da sua novella, "o critico que é um sujeito que se compõe de tres sujeitos: de um juiz, de um padre e de um agente de policia", não se pode, porque esse livro não dá tempo, como a presença das mulheres interessantes, de se franzir a testa, de se carregar o sobr'olho, de se ouvir voar uma mosca. Elle nos absorve todo. Estabelece um dialogo amavel com a nossa alma, e é com o diacho de uma indolencia pesada e lerda que a gente o fecha. Tão bom se continuasse a contar aquella historia tão bem contada, do homem trouxa da Ninon e do bicho escovado da Lisette, do velhaco da D. Dolores, sempre com um olho "en los ojos de fuego" e outro na navalha da cigana, e do pacovio da Consuelo que — quem sabe? — ainda está a esperar por ella no "hall" do hotel em que se sentou o anno passado...

A historia do homem que, como Musso'in', comeu o não negro que o diabo amassou, e vence e triumpho na vida através da philosophia que essa vida lhe ensina!

O caboclo mata o bicho, virando de um trago o ralice da pinga: eu devorei as carreiras do livro do senhor Brasil Gerson, livro que rell, em alto mar, entre o turbilhão das aguas infinitas e o céu que se arqueava al longe, pausadamente, demoradamente, sentindo o embalo do navio e gozando o embalo das suas phrases tão desataviadas e tão encantadoras!



Sempre há esperança

A descoberta dos seculos, O Elixir "Sorêt." Volta os annos para traz e permite-nos que gozemos mais uma vez os tempos felizes da nossa vigorosa mocidade. Se se sente débil e desanimado, alegre-se! Esta maravilhosa descoberta, dar-lhe-há renovadas forças e restaurará o seu vigor. Use-o também para neurasthenia, nervôso, fastio, esgotamento nervôso e debilidade geral; use-o sem temor porque não contém nenhuma substancia prejudicial. É uma combinação de ingredientes vegetaes com qualidades medicinaes poderosissimas que restauram a sua virilidade e lhe dará o enfraquecido vigor da sua juventude.

Em todas as farmacias e drogarias, em frascos hermeticamente sellados.

Approved pela
Diretoria de
Saúde Publica
do Brazil.

GESSY

NÃO USAL-O É MALTRATAR A PELLE

O senhor Virgílio Mauricio não tem "numa mão sempre a penna e noutra a espada", mas sabe alternar na dextra a penna com o pincel, com uma segurança admirável. A sua alma de artista é a mesma na tela ou no papel: pinta e escreve com a mesma elegancia e o mesmo brilho. Revela-se nas côres dos seus quadros e nos períodos da sua prosa. Em "Trapex'o da vida", fragmentos de impressões colhidas pelo artista, homens e coisas elle os trata com carinho e observa com perspicua agudeza.

Ao senhor Virgílio Mauricio devo um duplo prazer: o da leitura do seu livro e do achado dos dois maravilhosos sonetos de Cyro Costa, dos quaes eu andava ansiosamente á cata. Ouvi-os majestosamente ditos pelo autor, mas não os possuindo escriptos, não podia gozal-os quando a minha alma os solicitasse.

Perdõem-me... Quando tanto se fala em mãe preta e tanto se lhe glorifica a tarefa obscura e sublime, é peccado resistir á tentação de dar maior divulgação ainda a esta peça prodigiosa:

M ã E P R E T A

Lugubre, acaçapada, esp'ando no ermo, á beira
Do açude da fazenda, a lua cõr de opala,
Com sussurros de reza ou rumores de feira,
Via-se, num quadrado, a sordida cenzaia...

Sobre um velho girão forrado duma esteira,
Ell-a, embalando ao collo — e com que amor na fala! —
O "sinhozinho branco", a quem se dava, inteira
Até que adulto, fosse, um dia vergastal-a.

Soffreu como ninguém! Com fervor nunca visto,
Persignava-se ao ver céos azues e montanhas:
"Louvado seja Deus Nosso Sinhô — Suno Christo!"

Na escravidão do amor, a criar filhos alheios,
Rugou, qual pelicano, as maternas entranhas,
E deu á Patria L'vre, em holocausto, os seios!

E ainda este outro, com o mesmo sabor de piedade e de reconhecimento, de fino lavor artistico:

P A E J O ã O

Do taquaral á sombra, em solitaria fuma,
Para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo,
Sonha o negro, talvez, na solidão nocturna,
Com os limpídos areaes das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz nosta'gica e soturna,
Num suspiro de amor, num murmurejo longo.
E o rouco, surdo som, zumb'ndo na cafurna,
E' o urucungo a gemer na cadencia do jongo...

Bemdito sejas tu a quem certo devemos
A grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Sé feliz! E eu que fique de joelhos

Sob o fulgido céo, a relembrar, magoado,
Que os frutos do café são globulos vermelhos
Do sangue que escorreu do negro escravizado!

Ao Sr. Virgílio Mauricio que, com o seu ultimo livro, patenteou qualidades peregrinas de observação, vasada em estylo escoreito e limpido, ficarão ainda as nossas letras a dever o bem precioso que Cyro Costa avaramente trancava á admiração dos seus patricios.



PASTA



O DENTIFRÍCIO IDEAL

A VENDA EM TODAS AS CASAS
E NAS PERFUMARIAS LOPES

RIO - S. PAULO

O nome do Sr. Silveira Bueno, eu o trago gravado, de ha muito, no meu affecto espirital, como dos mais dignos de ser amado.

O seu estylo, já nos jornaes, já nos livros, lembra um sorriso de virgem, pela doçura transparente e diaphana. Os seus motivos são sempre asseados e seductores. Amoroso de sua terra, revive, em um grande e puro caminho, as tradições de São Paulo, plasmando-as em paginas enlevadoras.

Espirito profundo, que crê e que pensa, nobremente, o Sr. Silveira Bueno em "Os que amaram de mais" nos patentes, de par com os seus apreciaveis predicaes de escriptor, o esplendor dos seus jardins interiores.

Nessa série de contos, um é sempre melhor do que outro, de maneira que quem os lê, hesita na preferencia.

Livro suave no qual se fixam, quasi sempre, as virtudes humana, sem que, entretanto, como em "Mocotó, o conquistador", deixe de focalizar o lado ruim da creatura.

Como que a todas as paginas do livro atravessa a doce melancolia de um luar de praia deserta, onde o mar, o velho mar, attra a areia os soluços brancos do seu coração mysterioso...

Livro que enleva e que commove, o lindo livro do senhor Silveira Bueno.

LEONCIO CORREIA.

Na penumbra em que te amo

Na penumbra em que amo, fico á espera de ti, do teu amor. Minha alma considera, adivinhou o teu vulto senhoril... Fico á espera... E essa espera é quasi que um desejo... (Penso então que o que espero é o calor do teu beijo...)

Carro os olhos, e sonho o teu perfil...

Fico á espera não sei de quê... Fico esperando tuas phrases, talvez... Talvez teu gesto brando, suavissimamente acolhedor... Fico á espera não sei de que, numa ansiedade... Fico á espera...

E essa espera é quasi uma saudade do tempo em que eu não te esperava, meu amor...

CID SILVEIRA



TEU
E'
O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA
LEITORA :

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias ? Pede GRATIS meu livrinho "O MEN-SAGEIRA DA DITA". Remette 500 rs. em sellos para resposta.

Direcção : — Profa. Nila Mara
Calle Matheu, 1924

BUENOS AIRES (ARGENTINA)

ENLACES



Amelia Pires da Fonseca —
José Soares do Amaral



Stella Brandão —
Villa Chau

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA - LONDON"

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO

SYPHILIS HEREDITARIA



Para o bem geral da humanidade, venho attestar perante VV. SS. que, soffrendo ha muito tempo de syphilis hereditaria, fiz uso de innumeros preparados sem obter resultados satisfactorios; até que, vendo os repetidos reclames do maravilhoso ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, e, attendendo a conselhos de amigos, resolvi, para meu

bem, tomar o Elixir, do que muito me rejubillo, por me ter restituído inteiramente a saúde, até então muito precaria.

Recife, 8 de Outubro de 1927.

VITAL CORREA DE MELLO

(Firma reconhecida)

Reconheço a veracidade do caso.

Prof. Dr. Luiz de Góes

Cutisol-Reis



A mulher que preza o encanto de sua belleza traz sempre, no seu toucador, um vidro de Cutisol-Reis. Limpa a pelle de todas as impurezas, destruindo todos os parasitas que a afetam, como o attestam as maiores summidades medicas, e é o melhor fixador do pó de arroz. Usem-no os cavalheiros depois de barbearem-se!

ENCONTRA-SE EM TODAS AS PHARMACIAS,
DROGARIAS E PERFUMARIAS.

COUPON

Caso o seu fornecedor ainda não tenha, corte este coupon e remetta com a importancia de \$5000 (preço de um vidro) aos depositarios: Araujo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives, 88

Caixa Postal 433 — Rio de Janeiro

Nome
Rua
Cidade
Estado (P. T.)

Os dramas da alma feminina

(FIM)

CARLOS, O MENINO-HOMEM

Carlos, o meu riquinho de quatorze annos — d'z depois D. Evangelina — é talvez por quem eu mais soffro. Sei que ha um drama horrivel na alma de meu filhinho. Elle luta entre mim e a memoria do pae. As tias nunca lhe disseram a verdade. Carlos comprehenderá que eu estou na prisão por amor dos meus filhinhos? Elle saberá que, ha dez mezes, todos os momentos da minha vida de carcere são dedicados aos pensamentos de mãe angustiada? Ah! Meu Deus! Meu filhinho!

Faz cinco mezes, Carlos adoeceu e teve de ser submettido a uma operação melindrosa. (As tias não dão noticias dos filhos de D. Evangelina, mas a pobre mãe sabe de tudo, porque a sua preocupação unica, absorvente, enlouquecedora, é indagar das creanças de que a apartaram).

Quando soube da doença de Carlos, a presidiária entrou como allucinada na secretaria.

— Meu filhinho! — gritava. — Quero ir para junto delle!

D. Evangelina escreveu uma carta ao juiz da 8ª Vara. Pediu-lhe que a deixasse ir visitar o filho na Casa de Saude São José. O magistrado concedeu a l'cença.

— Mas não me deixaram ver meu filhinho! Allegaram recommendações medicas, quando eu sabia que elle era visitado por outras pessoas!

O mais que D. Evangelina conseguiu foi fazer com que uma amiga de confiança chegasse até a cabeceira do pequeno enfermo.

— Diga-me alguma coisa que tranqüillize sua boa mãezinha, Carlos — pediu-lhe a visitante. — Ella soffre horivelmente por você.

O menino não respondeu. No entanto, aquellas palavras lhe haviam tocado o coração. Elle soluçou como uma criança sem mãe. Que se passaria naquella almazinha? Estaria Carlos prohibido de dizer algo que consolasse sua mãe afflicta? Por fim se entreabriram os labios do menino:

— Hei de dizer, um dia! Um dia, mamãe saberá o que sinto!

NEO-NECATORINA



"Vermicida ideal!"

(PALAVRAS DO GRANDE HYGIENISTA D^r BELISARIO PENNA:)

"A efficacia da NEO-NECATORINA sobre o Necator (verme causador da Opilação ou Amarellão) é fulminante. Não trepidando em affirmar ser a NEO-NECATORINA um vermicida ideal, cuja maxima divulgação constitue um dever de patriotismo e de humanidade."

NEO-NECATORINA

Vermifugo poderoso acondicionado em capsulas roseas contendo tetrachloreto de carbono em soluto solido e optima-mente tolerado pelo organismo humano.

DEPOSITARIOS PARA O BRASIL: DAUDT, OLIVEIRA & CIA.

FABRICANTES: COMP. MERCK BRASIL

**Esmalte - Creme -
Água de Colonia**

Gaby



**Premiado no estrangeiro,
Rio e S. Paulo.**

UMA MENINA OBRIGADA A SER ORPHA

A outra filhinha da accusada é a menina Cila. Esta tem onze annos de idade e é de uma intelligencia rara.

— Pelo amor de Deus! — implorava D. Evangelina. — Não escreva o que lhe vou contar de minha querida filhinha. Se as tias souberem que ella é minha amiga, Cila soffrerá ainda mais.

A encarcerada confia-me o seu maior segredo. Nem as suas companheiras de prisão conhecem o romance de Cila.

— Quem será aquelle homem que nos olha tanto? — pergunta-me a minha interlocutora.

D. Evangelina receia que alguém a escute.

Interrogo o funcionario Rodolpho a respeito do tal homem.

— E' um guarda novo — responde-me elle.

A presidência baixa a voz.

— E' Cila quem me manda noticias dos irmãozinhos. Ha uma pessoa caridosa que consegue illudir a vigilancia de minhas cunhadas e fala-lhe seguidamente. Ha dias, obtive uma das cousas que eu mais desejava. Tenho um bilhetinho que minha filha me escreveu! Como é queridinha! Como me ama!

Retirou da bolsa negra um papel dobrado e passou-m'o ás mãos.

Li.

"Minha mãezinha do meu coração. Não imagina quantas lagrimas tenho posto por você, escondido lá de casa. (Cila escreveu ás pressas, da casa de um vizinho). Tenho rezado todas as noites para eu ficar com você.

Estou no collegio interno, presa para não te ver. Não sei como Carlos pôde ser assim, mas não me encommôdo porque gosto de você.

Recebi o que me mandaste e gostei immensamente de ter uma lembrança tua.

Minha mãezinha. Não mostre a ninguém esta carta, porque eu tenho medo que aqui saibam.

Da tua filhinha que nunca te esquecerá. — Cila. — 19-2-930

— Pobre filhinha! — soluça D. Evangelina.

Internaram-na num collegio de freiras, o Collegio Santos Anjos, na rua Conde de Bomfim.

Um dia, como Cila falasse muito de sua mãezinha, uma religiosa lhe disse:

— Você não tem mãe, menina!

A freira falava com razão. A pessoa que internou a pobrezinha no collegio fez a directora registrar no livro de matricula, ao lado do nome de Cila:

Orpha de pae e mãe.

Ahi está a grande traged'a de D. Evangelina:

Arrancaram-lhe os filhos! Extirparam-lhe o coração! Foi assassinada! Mataram-na e deixaram o cada-ver viver!

(Ver as gravuras referentes a esta reportagem em outra pagina do numero de hoje).

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consultantes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permitido para resposta.

■

JOTALA (Manãos) — Cultura, entusiasmo, uma certa precipitação é o que revela sua letra rapida. Nota-se mais: actividade psychica, poder de logica e dedução assim como assimilação facil e concatenação de idéas. Generosidade, grandes aspirações e, por certo, orgulho. Embora os horoscópos nada tenham de commum com a graphologia, aqui vai, a seu pedido, o dos nascidos a 18 de Novembro: "São muito independentes, não se subordinando a pessoa alguma e tendo prazer em mandar e dirigir. Cheios de iniciativa e entusiasmo, nada os desanima e estão sempre á frente de quaesquer empreendimentos. Não lhes falta entusiasmo e intelligencia, obtendo successo como escriptores ou artistas. Amigos da lisonja, sentem-se felizes quando elogiados. Gostam de passar bem e de se apresentar sempre com elegancia. Apesar do seu genio irritavel, serão felizes no matrimonio si tiverem o cuidado de escolher pessoa que não tenha nascido tambem em Novembro,

porque "duro com duro não faz bom muro" e sendo os "dois bleudos" difficilmente se beijam...

ZIZINHA (Rio) — Vejo muita fantasia na sua letra, espirito sonhador poetico, sem excluir, entretanto, um pouco de teimosia, muito commum em todas as jovens. Amor ao confortavel, ao luxo, mesmo, ás grandes viagens. Sensibilidade refinada, emotividade grande, delicadeza de tacto, finura, reserva.

NAR (Rio Grande do Sul) — Delicadeza, sensibilidade, talvez, mesmo, fraqueza, senso critico, subtil, intelligencia viva, embora pouco cultivada.

Pelo movimentado dos traços se vê ainda alegria, agitação, loquacidade, imaginação creadora. Amigo da clareza e das situações definidas.

BABY (Rio) — Como as consultas são attendidas observando-se a precedencia do recebimento, chegou agora sua vez. Sua letra é tambem movimentada, um pouco semelhante a da precedente consulta, denotando imaginação viva, intelligencia, cultivo literario, espirito curioso, avido de saber, franco, alegre, loquaz. Ha tambem muita fantasia, iniciativa, entusiasmo, amor ao confortavel, ao luxo, até. O horoscopo das pessoas nascidas a 10 de Abril é este: "Tem temperamento artistico, notadamente para a musica e poesia. São bastante intelligentes, porém, volúveis e de genio irritavel. Muito egoistas, tornam-se ciumentas, o que lhes trará desgostos com o matrimonio. Impacientes e nervosas, não sabem esperar cousa alguma, precipitando-se, ás vezes, por imprudencia..."

PERNAMBUCANA (Recife) — Quando recebi sua amavel cartinha de 16 do passado, já havia feito o estudo que solicita. Procure na collecção o n. 585 de "Para todos...". E' logo a primeira!...

MORENINHA CARIOCA (Rio) — Vejo bondade, generosidade, benevolencia, altruismo. Ha tambem um pouco de capricho e na sua assignatura o signal de personalidade bem definida naquelle traço energico com que frisa seu nome de familia, demonstrando que sabe o que quer e sabe querer. E' bastante reservada, embora affectuosa e gentil. No momento de escrever estava sob a pressão de um desgosto qualquer, desalento, melancolia, tristeza...

PALADINO (Rio) — Grato pelas referencias elogiosas do seu amigo. E' bondade delle tão sómente. As linhas ascendentes da graphia mostram entusiasmo, alegria de viver, coragem, ambição, espirito de iniciativa, esperanza. Ha tambem actividade psychica, concatenação de idéas, poder de logica e dedução, assim como assimilação facil. Mande dizer agora qual o resultado do confronto. A gente se conhece tão pouco a si mesma...

GRAPHOLOGO.

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

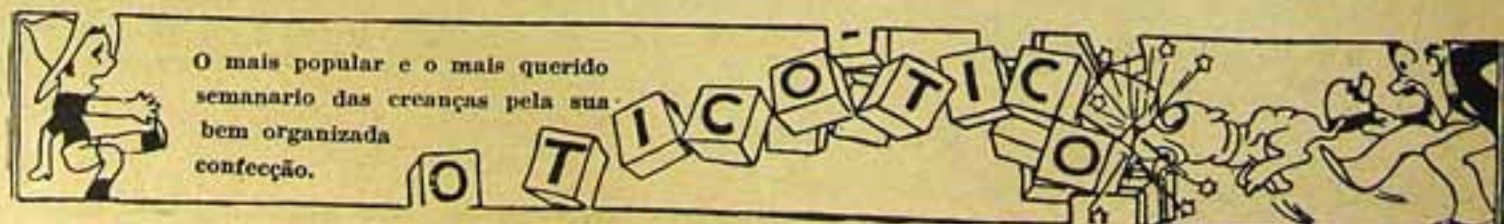
Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

ONDE SERA' ATTENDIDO COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociais.

Telephone: 2-1691



ACERCA DE SHAMPOOS

Ha um sem numero que podem ser qualificados como bons, inocuos e máos. E' impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma das diferentes especies de cabello. Em alguns casos elle tira muito do azeite natural; em outros, demasiado pouco. As pessoas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que as de cabello escuro. O logico, pois, é que cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accôrdo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil e bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se for cuidado appropriadamente; porém se se abusa delle, como fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcalinas, acontecerá o mesmo que se atirasse um veneno destinado a cardos sobre uma planta delicada. Antes de concluir, devo advertir que o meu pharmaceutico me recommendou o emprego do staliac simples, em lugar dos shampoos em pó, já preparados; e devo informar que esta substancia resulta ideal para o fim indicado. Faz com que o cabello se torne suave e ondulado.

Um rapaz complicadissimo

(FIM)

— Belinha, Belinha!... Onde esta meu suspensorio?

O côido dos ovos se fritando vinha de dentro das caçarolas. A casa teria jardim. O galinheiro ficaria no fundo, escondido na sombra, protegendo as leghorn do calor. O sol do subúrbio e mais os pardaes estragariam as couves.

A clareza da sua vida futura foi tão imprevisita que não lhe permittiu traçar logo, com imponderavel bom senso, a linha recta do seu proceder. E qualquer resolução sua, funda, formal, decisiva, poderia passar aos olhos dos que o cercavam como a mais absurda das cousas. Elle bem sabia que a boa D. Lola jámalis poderia acreditar que aquelle magro hospede, funcionario de fraca categoria no Banco Germanico, pudesse ter tragedias interiores, necessidades dolorosas de cerebro e coração. Taes cousas eram naquella pensão familiar do Andarahy apanagio exclusivo do Dr. Pontes, viuvo, que, além de doutor e mandão na Corte de Appellação, era massudo collaborador da Revista dos Tribunaes e pagava com as notas mais limpas e novas do Thesouro, no fim de cada mez, tres vezes mais do que elle, fóra ainda os extraordinarios, que só em banhos mornos para o seu nervoso iam longe.

Era nutil aquella boa vontade do sol de entrar-lhe pelas janellas e aclarar-lhe o quarto pobre. Era perfeitamente inutil aquellas borboletas andarem esvoaçando no jardim de D. Lola, repleto naquella época de hortensias azues, que as mãos de D. Luiza, a filha, tão leves, tão delicadas, regavam pela manhã. Bem havia necessidade absolutamente daquelle fundo chromal: pelo monte acima subirem, entrelaçados nos verdes, aquelles "bungalows" inglezes, engraçados e pequeninos como brinquedos. Elle não era homem de ambientes exteriores. Uma paliza-

Leiam
ESPELHO DE LOJA
de
ALBA DE MELLO
nas livrarias

gem não o consolava, o encanto de uma flor não diminuia o travo das suas dôres, nem o canto de um passarinho o fazia esquecer que elle vivia sózinho. Para que, pois, aquella graça da vida em volta delle, se a sua vida real, a sua vida verdadeira, aquella que elle vivia, longe de todos, longe de tudo, sem lar, sem parentes, sem



O Dr. Telles Borbora, novo professor da Faculdade de Direito de Niotheroy.

amigos, apenasmente dentro do seu coração e dentro da sua intelligencia, não representava nada de definitivo?

Envergonhou-me. A moça do quadro adivinharia o seu pensamento? Sentiu-se acanhado e julgou-se de uma



imbecillidade alarmante, que a fazia pôr a si proprio no grupo dos outros rapazes da pensão, o Joaquim, o Ral-do, o Manduca, aquelles soberbos idiotas, que remavam no club, frequentavam chás dansantes e discutiam football e gravatas com uma graça que deixava todas as moças da pensão num estado lastimavel.

— Você ouviu, Bizunga? Bonito, não é?

— E'.

Seu Pinheiro exhibia sua Decca portatil. D. Maria das Dôres elogiava a toa. O silencio se enchia de fox-trots.

Elle teria tambem fox-trots musicando pregulças dominicaes?

Pensou que seria melhor aproveitar aquelle domingo esplendido para ensaiar a felicidade, correndo ao encontro da sua propria felicidade. Mas, onde está a felicidade? Tiram tudo dos logares. Naturalmente foi a Joanna, a arrumadeira estúpida. E ficou indeciso tambem se seria possivel, a elle, fazer-se feliz por um esforço de vontade. A indecisão, estava evidente, era uma das suas caracteristicas, que tanto como a mania de falar mal dos outros, elle já tinha notado, mas fingia não perceber com uma optimistica opinião propria — lugar commun. Então resolveu, para fugir das incertezas tremendas da sua vontade e das incer-

Inscrevei-vos na
CRUZADA PELA EDUCAÇÃO
ENSINANDO A LER
E ESCRIVER A TODOS QUE
COM VOSCO VIVEM E TRABALHAM

temas, tão mansas, do seu coração, dormir. Dormir por aquelle domingo, todo luz e harmonia lá fora, emendando o dia com a noite, que elle calculava tão linda como o dia, dormia atôa até a manhã apressada da segunda-feira, quando elle tivesse de escovar dentes e ir para o Banco.

E dormia mesmo. O cabide não tinha mais sombra.

MARQUES REBELLO

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.

RUA S. JOSE, 84 — 3º andar

Telephone 2-1838

GUIGNOL

(FIM)

As provas, como já disse, são assustadoras. E' preciso affrontar um crocodillo e matar o Diabo. Eu disse a Suzanna:

— Suzanna, olha o Diabo!

Ella respondeu:

— Aquillo é um negro!

Esta resposta, cheia de racionalismo, me desesperou. Porém, eu sei a que me agarrar, assisto com interesse à



O deputado Moreira Garcez lendo a sua conferencia sobre a Exposição Economica do Paraná.

■

luta do Diabo com Gringalet, luta horrivel que termina com a morte do Diabo. Gringalet matou o Diabo!

Polichinello veio nos fazer umas reverencias, o panno cahiu, os meninos e as meninas partiram e eu fiquei mergulhado nas minhas reflexões. Suzanna, vendo-me reflectir, pensa que estou triste. Ella imagina sempre que as creaturas que reflectem são desgraçadas. Com uma piedade delicada péga na minha mão e pergunta porque estou infeliz.

Conto-lhe que estou aborrecido porque Gringalet matou o Diabo. Então, ella passa os braços em torno do meu pescoço e, approximando a bocca do meu ouvido:

— Vou te dizer uma coisa. Gringalet matou o negro; mas, foi de mentira.

Estas palavras me socegam, convenco-me de que o Diabo não está morto, vamos embora contentes.

ANATOLE FRANCE

Novidade Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTOES
PARA FUTURAS MAES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)
Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34 — Rio

Leitura "Para Todos"...

Um excellente magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes pelas suas lindas novellas.

Dr. Adelmar Tavares

Advogado

RUA DA QUITANDA, 59

2º Andar



- Um corte artistico de cabellos.
- Uma ondulação impecavel.
- Uma tintura garantida.

A. Fadigas

CABELLEIREIRO DA ELITE

NUMEROSO E OPTIMO QUADRO DE MANICURES
PARA AS SENHORAS

Rua Gonçalves Dias, 16 — 1.º andar

Telephone C. 4184 — (NÃO TEM FILIAES)

Crème Simon



Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saude; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.

O CREME SIMON

fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservandolhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.

PÓ & SABONETE SIMON
Paris

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVERSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

- INTRODUÇÃO A' SOCIOLOGIA GERAL, 1º prêmio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 16\$, enc. 20\$000
- TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedrático de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35\$, enc. 40\$000
- TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Filho, Cathedrático de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1ª e 2ª tomo do 1º vol., broch. 25\$ cada tomo; enc., cada tomo 20\$000
- THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1ª e 2ª volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 35\$; 2º vol. broch. 25\$, enc. 30\$000
- CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Fernando Labouriau, broch. 20\$, enc. 25\$000
- FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$000, enc. 30\$000
- IDEAS FUNDAMENTALES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$000, enc. 20\$000
- TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. 20\$, enc. 25\$000
- MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20\$, enc. 25\$000
- TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO, SUCCESSÃO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25\$000; enc. 30\$000

LITERATURA:

- CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) bro. 5\$000
- ANEL DAS MARAVILHAS, contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch. 3\$000
- COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch. 4\$000
- PERFUME, versos de Onestado de Penafort, broch. 5\$000
- BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva, broch. 5\$000
- LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch. 5\$000
- ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alcides Maya, broch. 5\$000
- PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferrel de Abreu, broch. 3\$000
- CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch. 2\$500
- CHIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, cart. 6\$000
- UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch. 18\$000
- LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira, 2ª edição, cart. 5\$000
- COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.), broch. 4\$000
- HUMORISMOS INNOCENTES, de Arelmor, broch. 5\$000
- TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch. 8\$000
- QUESTÕES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch. 10\$000
- FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc. 20\$000
- CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart. 10\$000
- THEATRO DO "O TICO-TICO" — canconetas, farças, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley 6\$000

- O ORCAMENTO — por Agenor de Roura, broch. 14\$000
- OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch. 18\$000
- DESDOBRAMENTO — Chronicas de Maria Eugenia Celso, broch. 5\$000
- CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch. 6\$000
- CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marianno 10\$000
- ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch. 6\$000
- A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch. 5\$000
- CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos 1\$500
- PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 16\$, enc. 20\$000
- PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza 6\$000
- ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch. 8\$000
- GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição 16\$000
- PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prelo. 25\$000
- HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc. 12\$000
- CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart. 10\$000
- GRAMMATICA DA LINGUA HESPAÑHOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch. 7\$000
- VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart. 2\$000
- CHIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart. 4\$000
- PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º, broch. 2\$500
- PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º, broch. 2\$500
- LABORATORIO DE CHIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada 90\$000
- CAIXAS COM AITARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada 28\$000
- PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othello de Souza Reis, cart. 3\$000
- GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva, cart. 5\$000
- ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura 1\$500
- ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch. 8\$000
- PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 25\$, enc. 30\$000
- EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch. 6\$000
- PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch. 11\$000
- EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, prego. 15\$000
- SA MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes 10\$000
- ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photographuras de crianças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas, cart. 6\$000
- BIBLIA DA SAUDE, enc. 16\$000
- MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch. 6\$000
- EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch. 5\$000
- A FADA HYGIA, enc. 4\$000
- COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc. 5\$000
- FORMULARIO DA BELLEZA, enc. 14\$000

BIOTONICO FONTOURA



COM
O SEU
USO
OBSERVA-SE O
SEGUINTE:

- 1.º Sensível augmento de peso.
- 2.º Levantamento geral das forças.
- 3.º Desapparecimento do nervosismo.
- 4.º Augmento dos globulos sanguineos.
- 5.º Eliminação da depressão nervosa.
- 6.º Fortalecimento do organismo.
- 7.º Maior resistencia para o trabalho physico.
- 8.º Melhor disposição para o trabalho mental.
- 9.º Agradavel sensação de bem estar.
- 10.º Rapido restabelecimento nas convalescenças.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE